

FLOR DO MONDEGO



JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

3.º de Janeiro



PREÇO DA ASSIGNATURA	
Sem estampilha	
Por trimestre.....	240
Por semestre.....	400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.
Toda a correspondência, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha.
Anúncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Com estampilha	
Por trimestre.....	300
Por semestre.....	460

PUBLICA-SE NOS DIAS 3—13—23 DE CADA MEZ



Portuguezes! Invocae as vossas preces ao Altissimo!

A cruel morte acaba de continuar a arrebatrar a familia real.

Ainda ha pouco nos roubou o monarcha, que possuindo os dotes e virtudes d'um anjo, e depois de ser coroado na terra, foi ser coroado por Aquelle, que julgou não lhe darmos o merecimento que merecia; porisso o chamou á sua sancta presença para assim o premiar, gozando de egual ventura que Elle goza.

Outra vez a cruel morte acaba de continuar a arrebatrar a familia real por o infante D. João, que acompanhando-o eguaes dotes e virtudes de seu augusto irmão, tambem Deus foi servido chamar á sua sancta presença para o collocar ao pé d'aquelle que ha pouco invocára a Deus para o possuir ao pé de si.

Portuguezes! orae pelo eterno descanso, d'aquelle que ainda ha um anno tivemos a honra de o ver nesta cidade cheio de vida!

INTRODUÇÃO

Sahe hoje á luz pela primeira vez a FLOR DO MONDEGO, que vem pedir um logar humilde no campo do jornalismo, e alistar-se nas fileiras do progresso e da civilisação. Neste campo, onde tantos genios têm definhado, combateremos pela causa dos povos, pela felicidade de todos; sem comtudo aggreddir qualquer classe, por lisonjear outras, porque todas para nós são eguaes.

Se o jornalismo todo se convencesse bem da transcendencia da missão da imprensa periodica, e abandonasse o espirito faccioso, que por vezes, e bem desgraçadamente o cega e desvia os jornalistas da verdadeira senda que deviam seguir, podia fazer muitos serviços á sociedade. E não queremos com isto fazer censura a uns, para nos elevarmos; porque nós só manifestámos os nossos desejos, que talvez não possamos realizar por falta de forças. Escrevemos na provincia, e longe da capital; porisso a nossa missão é diversa da que tem o jornalismo d'esse grande centro. Circumscripτος a uma esphera mais limitada não devemos excedel-a, nem o tentamos. Mas neste ponto mesmo temos muito que fazer; felizes nos consideraríamos, se desempendassemos bem a nossa missão...

Conhecendo isto, já se vê, que sabemos a estrada espinhosa que temos de pizar.

Para não errarmos o caminho, não temos senão coragem e muita força de vontade; que já não é pouco.

Se nos enganarmos, desculpar-nos-ha ao menos a nossa boa fé.

Em quanto ao que ha de ser o jornal, não dizemos nada — programmas pomposos sabemos todos o que valem e de que servem; o público o julgará em última instancia, e nós promettemos acceitar a sentença com submissão.

Ahi vae, pois, o novo campeão, que combaterá

sempre no campo onde tremular a bandeira da liberdade, do progresso, da tolerancia e da moralisação.

No meio de tantas dúvidas, de tantas opiniões mais ou menos competentes, é quasi unanime a ideia que a morte inesperada do nosso chorado Rei, e Principes é devida a veneno encoberto que mão des-humana lhe propinasse.

Os resultados das duas commissões nomeadas pelo Govêrno devem esclarecer mais ou menos as suspeitas geraes; ainda que, com pesar nosso, julgâmos podêr afirmar que ainda mesmo que a competencia do pessoal escolhido para tal fim seja optimo, é certo porém, que a Commissão nomeada para os trabalhos de anályse chimica, apesar de todos os seus esforços, pôde deixar de encontrar veneno ainda mesmo que elle exista.

Se o veneno é a causa de todos os infortunios que hoje pesam sôbre toda a familia real portugueza, é certo que devia ser escolhido aquelle que menos probalidades haja de se encontrar pelos meios chimicos.

Os venenos de natureza inorganica não foram, com toda a certeza, os escolhidos; estes pelos progressos da sciencia 'neste último seculo, reconhecem-se com maior ou menor difficuldade, não acontece assim com os de natureza organica.

Se estão hoje estudadas muitas substancias organicas com propriedades deleterias, muitas estão por estudar, e naturalmente, é de suppor, seriam essas as escolhidas para tão lamentaveis infortunios, não é de suppor que se lance mão d'alcaloides conhecidos como Morfina, Strychinina, Digitalina. e muitos outros que a sciencia conhece e pôde reconhecer.

O tempo nos esclacera, e já que a sorte nos roubou um Rei tão querido de todos, e Principes tão claros, Deus vele sôbre a nossa boa patria, digna de melhor sorte e conserve a preciosa vida de Sua Magestade o senhor D. Luiz I.

São estes os nossos mais sinceros desejos, e de toda uma nação afflicta.

SENTIMENTO INSTINCTO

A infancia acabou. Levantou-se o homem do leito em que dormira o somno da fraqueza. O coração dilata-se: o espirito abre-se e lança-se fóra do circulo apertado em que estava encerrado. Como a aguia que ao sahir a primeira vez do ninho, sacode as azas e ensaia o vôo, elevando-se nas alturas do ceu, assim elle se espraia orgulhoso no espaço immenso que se lhe desenróla diante sem horisonte em que descanse.

O homem tem uma superabundancia de vida que, porisso que o suffoca, precisa extravasar. Uma sensação nova, desconhecida se apodéra d'elle: é uma imagem ao principio vaga, que vae pouco a pouco tornando mais distinctas as suas fórmulas de anjo, e vem por fim assentar-se-lhe no coração. Os raios do passado frouxo, semi-mortos, desfazem-se ao clarão deslumbrante, que se desprende da imagem seductora, como o brilho pallido e suave da luz se perde e morre, ao nascer do sol mergulhado 'num mar de luz. Nem tenta o homem o resistir ao podêr maravilhoso e fascinante, porque o encanta e embriaga.

E a imagem acompanha-o sempre: de noite, senta-se-lhe á cabeceira, e a phantasia, abrindo o livro dos sonhos, aponta-lh'a com o dedo. — Ao acordar, vem descerrar-lhe os olhos ainda languidos de somno, e elle paga-lhe com um sorriso, de anjo. O homem magnetizado não pôde afastar a visão: chama-a, abraça-a, aspira com delicia o ar embalsamado que a rodeia; vae beber-lhe o beijo nos labios, e a torrente que o arrasta, affoga-o em prazer.

A mulher agora já não é a companheira, a protectora generosa e compassiva, que lhe guiou os passos tremulos nos dias da infancia; é a mulher revestida de todos os seus attributos de mulher. Eil-a que se debruça sôbre a segunda quadra da existencia do homem tão meiga, tão radiante, como quando lhe despontou ao romper da vida: eil-a, que se lhe envolve outra vez em todo o ser, e o enebria com um gôzo novo e ardente.

O coração repleto de vida e de fôrça, immenso no seu ancear, não podia satisfa-

zer-se com o bafejo doce, mas frouxo do amor de mãe, o que se lhe aninhava 'num canto, e deixava requeimar-se e consumir-se o resto na ardencia e vastidão de suas aspirações. Carecia, pois, d'uma impressão que o abalasse, e lhe refrescasse o fogo intenso. E só a mulher tinha em si a faculdade de acalmar os ferventes anhelos do coração de adolescente, que não são mais do que tendencias naturaes, que a ella se dirigem; que são mais do que a lei de attracção physica e moral que rege os dois sexos, arrastando-os um ao outro; porque a attracção physica reside na natureza animal do homem, como reside em todos os outros seres da criação; a moral é que separa a especie humana de todas as outras, e a aproxima de Deus.

O amor, como sentimento puro, que abstrahе de todo o instincto material, como corrente de electricidade moral entre duas existencias moraes, como simples aspiração entre coração de homem e mulher, reputo-o impossivel porque iria confundir-se com a amizade.

(Continúa)

Os presos da cadeia de Coimbra, enviaram a Sua Magestade o seguinte requerimento:

SENHOR!

Nunca predecessor algum de Vossa Magestade, jámais cobriu de lucto e lagrimas este solo portuguez; uma dor intensa e incomportavel acha-se identificada em todos os corações de vossos subditos, e é tão profunda e extensiva, que não póde ter um nome senão nas altas e immensas virtudes d'aquelle, que por inspiração o soubera grangear.

Senhor! no meio de tão vehemente consternação geral, os desgraçados presos da cadeia de Coimbra, ousam com a mais profunda e respeitosa humildade, impetrar de Vossa Real Magestade um momento de caridosa attenção.

Senhor! a ninguem mais, do que a estes desgraçados é dado conhecer o idioma das grandes agonias, que parecem exilar os martyres da sociedade divinizados pelo soffrimento!

Senhor! os desgraçados supplicantes não

podem deixar de rubricar com suas sentidissimas lagrimas a lembrança das sublimes virtudes da nossa Rainha, de saudosissima memoria, a adorada mãe de Vossa Magestade, nem podem tambem deixar de avivar as deslumbrantes virtudes dos senhores D. Pedro V, e D. Fernando, vossos augustos irmãos.

Senhor! em nome das almas dos reaes finados, os infelizes supplicantes vêm aos pés de Vossa Magestade invocar um perdão geral para todos, quantos se acham reduzidos aos ferros do carcere.

Senhor! a caridade, filha do ceu, sempre esteve identificada com o virtuoso throno portuguez, e porisso sempre se tornou em movimento natural e suave para almas por excellencias virtuosas; é porisso Real senhor, que os supplicantes confiam na misericordia de Vossa Magestade sancionando para todos os desgraçados um acto da mais alta clemencia.

Senhor! só Vossa Magestade póde restituir á sociedade muitos centenares de infelizes, que experimentando longos annos de atroz soffrimento de certo terão expiado suas faltas, e jámais trilharão o caminho do erro se conseguirem a liberdade.

Se Vossa Magestade se dignar attender a tão profunda súpplca filha de acerbas dores, de certo incetará a brilhante e auspiciosa carreira de seu reinado com o mais resplandecente florão; tomando por divisa tão salutar virtude, que vindo-nos das mãos de Deus, já o augusto irmão de Vossa Magestade teve o misericordioso desejo de practicar na occasião, em que assumia o sceptro e a corôa.

Senhor! só um rei benigno como Vossa Magestade poderá enxugar tantas lagrimas não só as dos infelizes, mas as de sua familia e innocentes filhos, que igualmente experimentam o rigor da desgraça.

Senhor! digne-se Vossa Magestade acolher em benevolencia as lagrimas da classe a mais desgraçada do mundo, practicando um rasgo de alta beneficencia e humildade, que o Redemptor não deixará de agalardoar a Vossa Magestade.

E. R. M.

ADORO!

Eu amo a pallida rosa,
Quando já emmurchecida;
Lembra-me os meus amores,
Lembra-me penas da vida.

Amo tudo quanto é triste
Tudo que me diga saudade!...
Amo a noite, e o dia não,
Eu amo-te ó soledade!

Amo a brisa a sussurrar
Por entre denso arvoredado,
Amo a paz, amo a tristeza,
Amo a sombra que põe medo.

Amo tudo que revela
A doce melancholia,
Que a face d'Ella não tem
A mais pequena alegria!

Tem a c'roa do martyrio
Na sua frente d'Archanjo:
— Nosso amor ninguem entende,
Sou feliz!... adoro um anjo!

J. J. d'A.

NOTICIARIO

Missa funebre — Teve logar na Sé Cathedral d'esta cidade, terça feira pelas 10 horas da manhan, uma missa funebre, mandada celebrar pelos artistas Conimbricenses, pelo eterno descanso de Sua Alteza o senhor Infante D. João, condestavel do reino. Assistiram a ella, os srs. Reitor da Universidade, Governador Civil, Secretario Geral, com todos os empregados, Governador Militar, Juiz de Direito, as duas philarmonicas d'esta cidade e um grande concurso de gente de todas as classes da sociedade. Esteve durante este acto funebre, de 5 em 5 minutos, dando-se salvas reaes.

Artistas! não vos arrependeis de elevar vossas orações ao Altissimo por eterno descanso d'aquelles que nos promettiam a nossa felicidade. Todos os dias que as invocasseis ainda lhe deverieis muito; porque inspiravam a todo bem para a nação portugueza.

Artistas! não vos arrependeis que ainda nos existe um na terra, que nos promete a nossa felicidade e que vos ha de agra-

decere; e ainda nos existe outro sôbre todos, que ha de permittir que nunca em tempo algum a nação portugueza seja vencida, mas sim vencedora.

Deus vele pela nossa querida patria!

Celebrações funebres — Tem-se celebrado exequias e missas sem número, pelo eterno descanso de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, que tanto se dedicava á felicidade de seu povo, e que a morte tão cedo nos roubou.

Agradecimentos — Os redactores d'este jornal, penhorados pela bondade que o público teve em nos honrar com a sua bondosa assignatura por este meio lhe agradecem.

Tambem, por este meio, agradecemos aos nossos collegas o obsequio que nos fizeram de nos publicar o nosso prospecto.

Pedido — Rogâmos aos nossos collegas, a quem enviâmos o 1.º número, o especial favor de trocarem com o nosso jornal, enviando-nos, francas de porte as suas folhas.

União dos Artistas — Terá logar a sexta récita n'este theatro no dia 5 do corrente mez. Espera se egual enchente como nas anteriores.

Noticias tristes de Lisboa — Sua alteza o Senhor infante D. João falleceu no dia 26 de Dezembro de 1861.

Em Lisboa tem havido alguns levantamentos: porém agora consta estar mais socegado.

EXPEDIENTE

Em virtude de não realisarmos assignaturas sufficientes para podermos publicar o nosso jornal todas as semanas, transferimos as publicações dos números; em logar de o publicarmos semanal publicamos-o-hemos tres vezes em cada mez; por isso pedimos mil desculpas a todos os assignantes de não ser publicado semanal como era o nosso desejo; mas não pôde ser por ora; se chegarmos a realizar assignaturas sufficientes para o podermos publicar semanal, com todo o gôsto o publicaremos, porque o nosso desejo era publico-o todos os dias se possivel fôsse.

FLOR DO MONDEGO



JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

12 de Janeiro



PREÇO DA ASSIGNATURA	
Sem estampilha	
Por trimestre.....	240
Por semestre.....	400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade. Toda a correspondência, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha. Anuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Com estampilha	
Por trimestre.....	300
Por semestre.....	460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

EXPEDIENTE

Em consequencia de termos realisdado as assignaturas que desejavamos, publicaremos, de ora ávante, semanalmente o nosso jornal. Pedimos o auxilio a todas as pessoas, e com especialidade ás do bello sexo.

COIMBRA, 11 DE JANEIRO

As columnas do nosso humilde jornal são hoje enriquecidas com uma linda poesia da mui conhecida e illustrada poetisa, a ex.^{ma} sr.^a D. Amelia Janny.

A poesia do sentimento revela-se na melodia da phrase, na belleza e louçania da elocução com que a illustre Dama sabe matizar todas as produções de seu genio poetico, que, ora arrebatando, ora commovendo, faz sempre transluzir os enlevos e encantos de sua alma inspirada, para tudo que é nobre e digno de ser ouvido pelos maviosos sons de sua dourada Lyra.

Se na Grecia a poesia lyrica teve summa importancia, porque cantava a verdade e excitava o enthusiasmo; a Lyra da nossa poetisa não é menos admiravel, porque, ao vibrar magico de seus sons, juncta a sublime eloquencia de seu canto, — todo terno, sentimental e encantador, que extasia e arrebatava, que commove e sensibilisa.

O poder do genio, o elevado do estro, a vivacidade d'um ingenho inspirado, revela-se de uma maneira surprehendente nas varias produções poeticas da ex.^{ma} sr.^a D. Amelia Janny, que, a par de sua proverbial modestia, predicado exclusivo das intelligencias privilegiadas,

já tem um nome brilhante na galeria de nossas mais eminentes poetisas.

Nossa tosca penna e a carencia de conhecimentos em idade tão precoce, inhiibe-nos, com summo pesar o dizemos, de expender o que n'alma sentimos ao ler a poesia da nossa illustradissima, quão sympathica patricia.

Reconhecidos agradecemos o brinde poetico com que a ex.^{ma} sr.^a D. Amelia mimoseou o nosso jornal. Foi uma viçosa flor, que veio agrinaldar a publicação de jovens inexperientes, que precisam de animação e auxilio, para não soçobram no escarcéo que aguarda as intelligencias não vigorosas, ainda que lhe sóbre arrôjo e fôrça de vontade.

Patentes estão nossas columnas para a illustrada Dama, a quem pedimos, e de coração agradecemos, todo o auxilio que se dignar prestar-nos com suas interessantes e delicadas produções.

Quando nos propozemos á difficil e espinhosa empreza de crear um jornal recreativo e noticioso 'nesta cidade, não foram com toda a certeza, os interesses pecuniarios que d'ahi nos podesse resultar que nos levou a isso, nem tão pouco, com o fim de guerrear os nossos collegas a quem muito respeitâmos — podem acreditar-o. O nosso fim é unicamente instruirmo-nos e habilitarmos, para depois podêrmos ser uteis, não só á sociedade, mas tambem á classe artistica a que temos muita honra de pertencer.

Todavia podem-nos dizer:—quando um ou mais individuos tomam uma empreza d'esta natureza, presuppõe-se que vêm dar instrucção, e não estão no caso de precisar d'ella. Parece, á primeira vista, que assim devia ser; mas nós não estamos 'nesse caso. Contâmos apenas quatro lustros de

idade, e muito temos feito 'neste pouco tempo em aprendermos um officio, pelo qual podêmos ganhar, com honra e decencia, a nossa subsistencia e de nossas familias.

Pelo que deixámos dicto, já se vê que somos descendentes de familias que têm poucos meios, e por conseguinte não estavam nas circumstancias de nos mandar dar aquella instrucção, que nós tanto ambicionámos. Hoje só nos resta fôrça de vontade, e não temos outro meio senão aquelle que pozemos em práctica. Teremos assim occasião de nos relacionar com pessoas, que estão no caso, não só de emendarem os nossos erros, mas tambem de nos proporcionar os meios de podêmos ler os seus escriptos, para nós de muito valor, attendendo ao fim a que nos propozemos.

Se tivermos alguma vez de ser censurados é unicamente por sermos uma nullidade na sociedade, e querermos, á fôrça de trabalhos e sacrificios, procurar um meio, aliás decente, de nos intreter, e de nos instruir nas horas que nos ficam livres dos nossos affazeres, para não empregarmos o tempo na ociosidade, que é a mãe do vicio e do crime; e que arrasta os homens, ainda os dotados de melhores sentimentos, ao fundo dos maiores precipicios, quando o não sabem evitar.

Para os seguintes numeros havemos de mostrar esta grande sentença, e provar que o melhor meio de evitar a desmoralisação na sociedade, é sem dúvida a associação e a instrucção.

SENTIMENTO DO INSTINCTO

(Continuado do n.º 1)

A sympathia ou attracção entre dois espiritos dá-se no mesmo e em differente sexo: o amor só entre individuos de sexo diverso. Ahi está a sua essencia: assenta, pois, o seu primeiro principio de existencia sôbre uma necessidade physica.

Qual o amor por mais immaterial, por mais ideal, que desdenhe um sorriso, um olhar? E o sorriso que é, senão mais uma expressão physica, que se estampa no rosto da mulher; senão um toque material, perceptivel, fugitivo, que o illumina por momentos com uma luz mais viva que attráe, e fascina?

Embora se tome como a expressão animada e sensível d'um extasi da alma, d'um

pensamento risonho que deslisou pelo coração, e que se releva por um gesto, o sorriso em si, essa desharmonia de feições que tanto seduz, com quanto simples revelação d'uma sensação intima ha de subjugar e dominar como ella pela sua qualidade de belleza material.

Quando os olhos se encontram, essa impressão que produzem, ao espalharem-se uns nos outros, e que vae coando e repassando o corpo, que é senão uma impressão physica, senão uma correspondencia corpórea e magnetica? São faiscas de electricidade, que se introduzem nos póros, que se entranham em todos os membros, e os vão tocar com seus affagos ferventes e irresistiveis.

Acaso 'num apertar de mão não ha tambem uma sensação corpórea? O som meigo da voz não produz deleite nos sentidos?

Abstraia-se, pois, de tudo isto, se é possível, e o amor será amisade, ou então uma chiméra.

Assim como ha identificação entre os sêres moraes assim tambem a ha entre os sêres physicos. O amor é a necessidade da fusão das duas naturezas do homem e da mulher. O que constitue a natureza humana não é o espirito, é conjunctamente a veste corpórea, com que Deus o vestiu. O homem tem o seu typo material, e é homem por elle e pela razão: existe uma influencia reciproca, um enlace inconprehenhivel, mas incontestavel entre ambos.

Quando a alma soffre, o corpo resente-se: a fronte descáe sôbre o peito; parece que uma nuvem sombreia os olhos, e lhes embacia o brilho; os labios contraem-se; as côres murcham; o corpo verga; a dor, em fim, ressumbra do interior da alma, materialisa-se, por assim dizer, sacode as azas negras a alegria e os risos, que se entornavam na physionomia, e estampa-se em toda ella, triste, nevoenta, tetrica.

Do mesmo modo, quando o corpo geme sob o pêso insoffrivel d'um padecer intenso, a alma na sua região secreta vae definhando em soffrimento pungente e lento, e, magoada e dorida, affunda-se nos abysmos insondaveis de além da vida, da terra, nos quaes o pensamento humano se perde.

O amor, é a cessão total e reciproca da

existencias dos dois sexos: o espirito atráe o espirito; o corpo atráe o corpo; a não ser assim, poderia dar-se o amor entre dois homens, porque póde dar-se entre elles a troca dos sentimentos da alma, a abnegação mutua, tudo o que, em fim, se dá entre o coração do homem e o da mulher, que se consagram amor.

- Mas reconhece-se quão grande é a differença entre o abraço moral e sympathico que liga dois homens, a essa outra união entre dois sêres de differente sexo: a primeira é amizade; a segunda é amor.

Quando, em conversação de amigos, as portas do coração se abrem, e póde cravar-se a vista até o mais fundo do santuario do sentimento, o bem-estar, a confiança, o prazer placido e puro, que se sente será por ventura o mesmo que se experimenta, quando, em dialogo amoroso, homem e mulher, se enlaçam e sorriem entre perfumes que embriagam?

Será porque a alma da mulher estenda o vôo de suas promessas mais largo e mais alto? Será porque o seu coração tenha mais heroismo e inspire mais segurança e fé? Será porque o seu bafejar de abnegação tenha mais fogo e abra-se mais? Não é por isso. Em colloquio de amigos e em dialogo de amantes ha a mesma harmonia da alma sancta e pura; ha o mesmo sacrificio; a mesma abnegação heroica e sublime. O coração de mulher não póde estender as raias além da linha, que a mão da natureza lhe traçou, e o espaço que lhe deu para viver tem os mesmos limites que o do homem.

D'onde provém, pois, sentir-se um gôso mais intenso e mais doce, quando dois corações de homem e de mulher se identificam nas mesmas aspirações de amor?

É que no amor assim como na amizade dá-se tudo o que póde dar o sentimento; e além d'isso a attracção natural dos sexos, o enlace material, que a amizade desconhece.

As funcções, pois, do amor não abrangem só as puras aspirações do sentimento: a diversidade de sexo é uma exigencia natural e soberana, é o principio material e indispensavel para a existencia d'elle.

(Continúa.)

DESALENTO

Il y a toujours au fond de mon coeur une larme qui filtre goutte à goutte et qui tombe en secret...

LAMARTINE (Confidences)

Eu choro sôbre os annos que decorrem,
Sem que 'nalma resurja a luz d'esp'rança;
Ao ver que o meu porvir funereo e triste
No abysmo do infortunio se balança.

Eu choro sôbre a quadra mais formosa,
E que expira p'ra mim, qual tenra flor,
Exilada do clima em que nascêra,
Que morre orfan de mimos e d'amor.

Edade esperdiçada! o que hei eu feito?
Soffrer comigo só sem me queixar!
Matar aspirações, calar o peito,
Que em mundo d'ambições não posso esp'rar.

Juventude!... e lá vaes!... já te diviso,
No occaso derradeiro — ai! quem me dera
Dar um eterno adeus ao mundo, á vida,
Encerrar-me contigo, ó primavera!

Alveja-me o sepulchro, como a estrella,
— Seguro da existencia — ao nauta afflicto!
A morte, o passamento, eis o que aneia
Meu pobre coração d'amor proscripto!

Tudo folga e sorri, eu choro e gemo!
Quem ouve nos festins suspiros d'alma?
Qu'importa que a infeliz sem ter peccado
Supporte do martyrio a crua palma?!

Mundo vil e abjecto, eu te abomino!
Desprezo tuas leis, causam-me horror!
Que pisa a virtude e o crime exaltas,
Se d'ouro te apresenta a fulva cor!

E choro a mocidade que esvoaça,
Deixando após de si a escuridade!
E peço a Deus a morte — unica senda,
Que me eleva do nada á eternidade!

Coimbra, 8 de janeiro de 1862.

AMELIA JANNY

VARIEDADES

ELLAS PINTADAS POR SI MESMAS

— Uma mulher persuade-se muito mais que é amada pelo que advinha, do que pelo que se lhe diz.

= A belleza é uma carta de recommendação, cujo credito dura pouco.

= A belleza sem graça, é como um anzol sem isca.

= Uma mulher não se desgosta de que o seu amante agrade a muitas, com tanto que ella seja sempre a preferida. (Ninon.)

NOTICIARIO

EXEQUIAS — Já se anda armando o magestoso templo da Sé Cathedral d'esta cidade para as exequias, que terão logar no dia 29 e 30 do corrente.

Esta solemnidade funebre é mandada celebrar pelos academicos, para commemorar o prematuro fallecimento de Sua Magestade, o senhor D. Pedro V de eterna memoria.

DESGOSTO — Tem-se notado 'nestes ultimos dias um geral desgosto na academia, por causa de se mandarem fechar os gremios de instrucção e recreio academico.

A prohibição, mandada não sabemos por quem, depois de se haver concedido permissão pela parte da auctoridade academica, tem produzido um pessimo effeito. Diz-se agora que a prohibição dimanou do govêrno, e que este determinára que se lhe fizessem subir os respectivos estatutos sem o que não podiam funcionar os gremios, que nada têm de subversivos á ordem pública.

Sentimos não podêr dizer o que pensamos a este respeito, e o que temos ouvido...; tudo retrogrado; a máquina desanda. *C'en est fait.*

PEDIDO — Esperâmos dos nossos collegas da imprensa, a quem enviamos o nosso jornal, nos façam o obsequio da troca.

Se elle hoje não é digno de se lhe ligar importancia que tanto lhe ambicionamos, muito menos a ha de ter, se por ventura não formos attendidos.

O nosso jornal por ser pobresinho, precisa, mais de que nenhum outro, de ser contemplado; e quem sabe, tendo um bom auxilio, o que será para o futuro?

AGRADECIMENTO — Tributâmos ao *Viriato* o nosso reconhecimento pelo elogio que

nos tece em o seu n.º 707, do dia 7 d'este mez, porque julgâmos que são sinceras suas delicadas expressões. Nós é que por certo não poderemos corresponder aos seus e nossos desejos, porque nos falta a precisa intellectualidade para bem desempenhar a tarefa, que sôbre nós tomâmos.

Ir-nos-hemos porém habilitando, aprendendo e instruindo na leitura dos jornaes, que nos dão a distincta honra de trocar com a nossa *Flor do Mondego*.

O VIRIATO, que mostrou ter a peito a longa vida da *Flor*, não pôde deixar de annuir á troca, que já lhe sollicitâmos, e muito folgaremos em receber d'elle proficuas lições, porque é um dos extremados e zelosos campeões da imprensa periodica.

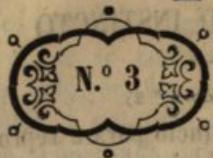
GRANDE ESCANDALO — O *Portugal Independente* noticia que um pharmaceutico d'esta cidade, o sr. Pereira, convidou os seus collegas para suffragarem a alma do nosso chorado Rei e Principes, mas que não se reuniram em número sufficiente para poderem tomar qualquer deliberação! — Isto não se commenta.

THEATRO DA UNIÃO DE ARTISTAS — No dia 5 teve logar 'neste theatro a récita, que annunciâmos no numero anterior, levando á scena as seguintes comedias: — *Por ter compaixão*, — *Um namorado exemplar* — *As duas bengalas* e o *Perdão d'Acto*, cada uma em acto. O espectáculo correu regularmente, havendo completo desempenho em alguns jovens actores, que poderão, se estudarem, ter no futuro um bello nome.

O theatro, pelo seu regimen, presta o duplicado serviço de proporcionar um pasatempo por occasião das récitas; e aos socios o louvavel incentivo de se instruirem: oxalá que esta sociedade possa levar a effeito os seus projectos de engrandecimento, de que se torna digna.

DESGRAÇAS — No domingo de manhan (diz o *Seculo*) appareceu reduzida a cinzas uma choupana, em Sancta Maria de Geraz, concelho de Viana, que era habitada por uma pobre mulher, dois filhos e dois expostos, que ella criava, sendo todos estes infelizes devorados pelas chammas.

FLOR DO MONDEGO



JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO



19 de Janeiro

PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha

Por trimestre..... 240

Por semestre..... 400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.

Toda a correspondencia, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 16 réis por linha.

Annuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Com estampilha

Por trimestre..... 300

Por semestre..... 460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 18 DE JANEIRO

No n.º 2 d'este jornal dissemos, que a ociosidade é a mãe do vício; e em seguida promettemos não só mostrar a verdade d'esta grande sentença, mas tambem provar que o melhor meio de a evitar, é sem dúvida a «associação e a instrucção;» é o que em seguida vamos fazer.

É muito torpe e até repugna com os deveres para comnosco, o dibilitar-nos e enfraquecer-nos pela molleza; é certo que as vantagens, que o trabalho e exercicio nos podem trazer, são para nós pouco conhecidas, visto que ainda é desconhecida a medida da perfectibilidade humana. Porém a experiencia, que é uma verdadeira mestra da vida, diz-nos d'uma maneira incontestavel, que o exercicio e o trabalho dão aos sentidos mais actividade, promptidão e segurança, e, de mais a mais, as qualidades corporeas, agilidade, fôrça e graça, que podemos alcançar por aquelle até um ponto muito elevado.

Sendo, como realmente é, o trabalho o exercicio das nossas faculdades; e o ocio a isempção d'este exercicio; é facil de ver que devemos seguir aquelle e abandonar este.

Que o homem deve trabalhar e deixar a ociosidade é tão claro, que parece não carecer de demonstração. Na verdade o homem tem um fim, porque Deus, sempre providente, dando-lhe uma natureza, não podia deixar de lhe dar um fim, correspondente a essa mesma natureza; mas este fim exige necessariamente meios, de que o homem deve lançar mão: o que faz indispensavelmente, que elle practique certas acções, exercite as suas faculdades, em uma palavra, *trabalhe*.

É verdade que este exercicio das faculdades humanas anda sempre acompanhado de certo desprazer e incommodo, mormente o que consiste

na acquisição e defeza das cousas necessarias á vida; todavia isso não é razão sufficiente para que se deixe de empregar tal exercicio, porisso, que o aperfeiçoamento do homem depende do exercicio das suas faculdades, e não as pôde exercitar sem esse incommodo e desprazer, mormente no que está fóra de si.

Não ha ninguem que não deseje ser feliz, e o homem de certo que o não é, se não quando conseguir o seu fim, que vem a ser o desenvolvimento de todas as suas faculdades de uma maneira harmoniosa; mas este desenvolvimento depende do bom estado externo, e este não tem logar sem o trabalho, porque as fôrças da natureza, e o trabalho do homem são os agentes da producção das riquezas.

Sendo necessarias as cousas exteriores para a vida e perfeição, o homem não pôde adquiril-as, defendel-as, e preparal-as de maneira conducente a usufruil-as, sem empregar a sua actividade, e sem trabalhar. Além d'isso uma certa actividade natural do homem e o desprazer da inaccção, que elle sente, o obrigam ao exercicio, e a satisfazer ás suas necessidades; portanto não pôde viver sem trabalhar: d'aqui vem o dizer-se que a ociosidade é mãe dos vicios.

É verdade que este trabalho, que é fadario da humanidade, tanto pôde versar em cousa boa, como em cousa má, e por isso concorrer em certos casos para o mal—para a desmoralisação: para desviar o homem d'este precipicio, apparece ao lado do trabalho associação e a instrucção.

Que os homens devem reunir as suas fôrças e faculdades para conseguir cada um o fim a que se propõe, vê-se pela fraqueza humana, que é tão grande, que qualquer necessita do auxilio alheio para se podêr desenvolver e aperfeiçoar. E com

SENTIMENTO DO INSTINCTO

(Continuado do n.º 2)

effeito esta mesma ideia é conforme com os designios do Creador, que quer certamente esta reunião de forças entre os homens, porisso que os dotou do sentimento da sociabilidade.

O homem deixado só a si pouco pôde, e associado pôde muito. A vida do homem é breve e as forças poucas, e porisso deixaria de se desenvolver, e aperfeiçoar, se não se reunisse com os seus semelhantes. A associação é tão preciosa, que até se encontra em outros animaes da criação. Pela associação a segurança individual é garantida contra as paixões; os meios para a conservação da vida augmentam-se; as forças para dominar a natureza e fazel-a contribuir para a satisfação das necessidades multiplicam-se. Uma condição indispensavel para o progresso é a associação; sem ella o genero humano, por falta de meios, achar-se-hia reduzido á situação dos brutos. Admiremos a sabedoria do Grande Architecto do universo por nos dar tamanhas vantagens, inpondo-nos a lei da associação como meio de nos adiantar; e deixemos esses falladores, que tanto gritam contra as associações, dando uma evidentissima prova da sua irreflexão.

Mas não basta que o homem trabalhe e se associe com o seu semelhante a fim de progredir a passos gigantescos para o seu completo desenvolvimento moral e physico; é mister que saiba usar d'esses tão grandes meios, como são o trabalho e a associação, porque não sabendo usar d'estes, bem pôde, em lugar de attingir ao seu fim, ir por via opposta dar com o mal e sua desgraça. É preciso, pois, que se instrua.

Na verdade a primeira das faculdades do homem, e que está como acima a da sua natureza, é o entendimento, que conhece a verdade, e serve de guia ás outras faculdades; é como que a lanterna que o dirige na vida; mas esta precisa que se lhe accenda uma boa luz: o que se faz e alcança por meio da instrucção. A intelligencia do homem tambem tem certas leis a que está sujeita; e o seu objecto é a verdade, que tem a obrigação de procurar.

O homem prudente cuida em conservar a luz da sua intelligencia que é a instrucção; o imprudente, despresa-a perde-se; o que desgraçadamente muitas vezes acontece. Portanto o trabalho, as associações e a instrucção são o germen fecundante da moral pública, e o meio de desterrar para longe da sociedade essa série de crimes, que infelizmente presenciámos.

Sendo necessario o instincto para a reprodução, a mulher seria um ente abjecto, e muito abaixo da dignidade humana, creada unicamente com o fim de servir de meio para a conservação da especie. E não é por ventura mais conforme á elevação do homem, já que elle não pôde esquivar-se a esta lei natural, doural-a com um reflexo do sentimento do coração, do que cumprir-a como os outros seres, que elle do alto da criação vê rastejar aos pés?

O sentimento acompanha o instincto, e este achando-se intimamente ligado com as lembranças de amante, de espôsa e de filhos, resume todas as affeições mais fortes, que prendem o homem durante a vida: inseparavel do sentimento, que atráe os sexos, estreitado com elle por um mysterio incomprehensivel, é como avivificação corpórea d'um gôso immenso do coração; é como o abraço da alma palpavel, sentido e realizado de um modo mais apreciavel á pequenez do homem.

Unico germen de novas sensões íntimas, d'elle saem puros e sublimes os sentimentos da mãe e de pae, e vão pousar e asyalar-se no coração, escondendo sob as asas, e acalentando sempre a recordação saudosa d'esse gôso, que os gerou.

O appetite carnal e voluptuoso abaixa o homem e degrada-o, vestindo-o só com o seu manto grosseiro de instinctos brutaes: e o amor, como simples aspiração de sentimento, eleva o homem acima da barreira marcada por Deus a essas aspirações, e torna-o bastante forte para affogar e aniquilar nos braços frageis um instincto, que o arroja com toda a sua força natural.

O primeiro não produz os prazeres ineffaveis do sentimento maternal, ou então apresenta-os sumidos e frouxos, porque os embaciou o halito de uma tendencia animal.

Por isso raras vezes apparece a affeição da maternidade no coração abafado e gasto d'essas mulheres, que não têm nome, que não vivem, nem vegetam; apenas existem, esqueletos frios e nojentos d'um todo harmonico e seductor, onde o riso attrevido e perenne como que lhes foi impressado nos rostos, porque o coração recalçado e perdido já não podia esboçal-o; onde a bôca prostituida e impura, vomitando beijos continuos em sua soffreguidão fingida, vae cus-

pil-os gelados e repulsivos, deixando o asco que se resente ao contacto de insecto que se baba; onde tudo, em fim, é repugnante, porque é uma affronta á natureza, que vê apagada a luz da alma, d'onde ella tinha dirigido um raio sobre os gôsos materiaes para os tornar proprios do homem.

A maternidade sorve-a o ladaçal immundo em que a mulher se espoja na quadra da sua maior degradação; porque a maternidade é um sentimento, e tudo o que é sentimento morreu: — como fructo de arvore cachetica e murcha, que já não tem vida bastante para o suster, cáe com o pé myrrhado e sêcco, sem deixar signal no ramo aonde se pendurava, por isso que a mãe o deixou desprender de todo sem lhe sentir a quêda; assim o triste fructo dos erros d'essas mulheres aviltadas, é repellido do seio materno com indifferença e fricza; porque o coração, que já não respira, não tem fôrça para aspirar o filho.

O amor maternal esterilisa as affeições de paes: quebra a cadeia mais doce; o sentimento mais terno, depois do amor, que prende o homem e a mulher nesta vida a outro ser, e torna-os assim mais crueis que os outros animaes.

A leôa, ao ver-se perseguida pelos caçadores nos matagaes da Africa, morre para salvar o filho — e o homem, renegando cobarde o que a natureza lhe imprimira no coração, abandona-o, esquece-o, e vae talvez entregal-o á morte.

O amor material, acabando com os sentimentos de paes, acaba tambem com os laços de familia; extermina por isso mais outro principio de gôso. Filhos, paes, irmãos, esquece tudo e lança o homem, frio e solitario, na aridez do indifferntismo, o maior de todos os males, porque é transpôr uma porção da eternidade, é atravessar o espaço de tempo entre o nascimento e a morte, sem haver consciencia de que se transpõe e atravessa.

(Continúa).

LISBOA, 17 DE JANEIRO

(Correspondencia particular.)

Com summo prazer recebemos o 1.º número da FLOR DO MONDEGO, mas fiquei um pouco zangado com a sua leitura por encontrar erros que se deviam evitar. Se não tivesse a certeza que empresas d'esta ordem nem sempre principiam com bons auspicios, muito maior seria o meu desgôsto. Porém,

suspendi o meu juizo, em quanto não recebesse o 2.º número; agora, pela sua leitura, vejo que faz tanta differença do 1.º como o dia da noite. Se continuar assim, terá, não só a minha protecção, mas tambem a do illustrado público.

É com o maior enthusiasmo que um grande número de pessoas têm lido a excellente poesia da illustrada poetisa das margens do Mondego! Deus queira que a ex.^{ma} sr.^a D. Amelia Janny, que não temos o prazer de conhecer, se não arrependa de nos continuar a dar o gôsto de podêrmos ter muitas occasiões de admirar, a par da sua elevada intelligencia, as mimosas producções do seu genio poetico; e se s. ex.^a soubesse o apreço em que temos os seus escriptos, mimosear-nos-hia mais vezes com elles.

As pequenas dimensões do vosso jornal, não permittem que eu possa fazer uma verdadeira apreciação da illustrada dama das margens do Mondego, como do coração desejâmos.

Não vos noticio o que ha de mais notavel nesta capital, porque o deveis saber pelos jornaes que d'aqui vão.

Nada mais por hoje.

CORRESPONDENCIA

Sr. redactor. — O programma do vosso jornal recreativo e noticioso, aformoseado com o titulo — *Flor do Mondego*, — nos constitue o desejo de correremos a alistar o nosso humilde nome com mais uma assignatura. Não tivemos a noticia que ia crear-se um jornal na filha do Mondego, cujo redactor pertence á honrosa classe artistica, a que temos a igual honra de pertencer; hoje, porém, que sabemos que vibrou esta ideia tão util, estes sentimentos tão louvaveis, que nasceu esta vontade de espirito, esta producção tão fecunda no peito d'um nosso collega; corremos, de bom grado, a prestar-lhe a nossa assignatura; corremos a dar-lhe os mais cordeaes e sinceros parabens; corremos a dizermos-lhe o desejo que temos na sua prosperidade — ávante!

Desejâmos de coração, que todos os artistas prestem o mesmo pequeno auxilio, que nós vamos fazer ao nosso insigne collega, e por este meio, continuará o augmento da *Flor do Mondego*.

Ávante artistas! corrámos a animar, a engrandecer, e a auxiliar o illustrado pensamento do nosso collega.

M***

A TRISTEZA

..... Gôso pungente
D'um coração que já amou.
M. VAREJÃO.

Tristeza, aragem funesta,
Sôpro ardente e queimador,
Que anniquilas 'num momento
Da juventude o frescor :

Tum'lo marmoreo e profundo,
Onde repousa a alegria,
Que me animava inda hontem
Sem pensar que hoje morria !

Tristeza, forçado throno,
Que o mortal tem de subir,
Desgraça, degrau p'ra elle,
Que o infante olha a sorrir :

Longo epilogo do livro
Da nossa curta existencia,
Fechado em quanto innocentes,
Aberto á luz da experiencia :

Constante amiga do homem,
Sizuda, severa e dura
Quando vae junctar-se a elle
Nos umbraes da desventura :

Patrimonio a todos dado
Na velhice, ou mocidade,
Que dos festins ruidosos
Nos conduz á soledade.

Tristeza, pallida estrella
Só no ceu do meu porvir,
Veneno da minha vida,
Só o pranto é meu sorrir :

Negro veu qu'alma me encobre,
Que rasgar nem já procuro,
Sinto o tedio do passado,
Desprêzo pelo futuro :

Tristeza, mãe da saudade,
Rezumo do que se amou,
Eis p'ra sempre o que me resta
Do meu viver que passou.

Coimbra, 15 de janeiro de 1862.

AMELIA JANNY

NOTICIARIO

THEATRO DE D. LUIZ I — Teve logar na noite do dia 11 a 2.^a récita 'neste theatro, subindo á scena o drama em um acto e dois quadros do sr. Eduardo Coelho, intitulado — *Oppressão e Liberdade*, e a comedia em um acto do sr. J. C. dos Sanctos, — *Uma chavena de chá*. O espectáculo correu regularmente, e d'alguns papeis vimos um regular desempenho.

AGRADECIMENTO — No logar competente publicamos uma carta, que um nosso amigo nos remetteu hontem pelo correio. Um excesso de modestia da parte do seu auctor, faz com que não tenhamos o gôsto de publicar o seu nome por extenso, mas esteja s. s.^a certo, que lhe damos todo o apreço que merece, porque são sinceras suas delicadas expressões.

Aos desejos do nosso amigo e collega, por certo não poderemos corresponder tão depressa, como é a nossa vontade, se por ventura não se alistarem mais alguns (na tarefa que tomámos á nossa conta) dotados dos mesmos sentimentos.

Agradecemos todo o apoio que o nosso irmão possa prestar-nos, e patentes estão nossas columnas para o illustre collega, a quem pedimos todo o auxilio que nos possa fazer.

SATISFAÇÃO — Recebemos uma poesia d'um artista, que a não publicamos por falta de espaço, o que promettemos fazer no número seguinte.

CHEGADA — Chegou a esta cidade de passagem para Arganil, o novo juiz de direito d'aquella comarca, o sr. Manuel Joaquim Gomes.

FESTIVIDADE — Hoje, 19 do corrente, na igreja da Misericordia se ha de celebrar a festividade do Sanctissimo Nome de Jesus, cantando 'nella a sua missa nova o sr. padre José Felix Machado d'Abreu Peixoto, filho do sr. Joaquim Frederico Machado de Almeida Peixoto, d'esta cidade, sendo seus padrinhos os ex.^{mos} Deão e Chantre da Sé Cathedral, e prégador o sr. dr. Manuel Philippe Coelho.

O DISTRICTO DE LEIRIA — Este interessante jornal começou de novo a sua publicação. Desejamos-lhe prolongada existencia.

NOVOS JORNAES — Vão entrar 'nesta cidade brevemente na arena politica, mais dous campeões — o *Academico* e o *Minho*.

EXEQUIAS — Um telegramma de Roma, diz que o papa decretára que se celebrassem umas exequias, no dia 14 do corrente, por alma do sr. D. Pedro V.

FLOR DO MONDEGO



JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

26 de Janeiro



PREÇO DA ASSIGNATURA	
Sem estampilha	
Por trimestre.....	240
Por semestre.....	400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.
Toda a correspondencia, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha.
Annuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Com estampilha	
Por trimestre.....	300
Por semestre.....	460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 25 DE JANEIRO

O AMOR DO TRABALHO

Um dos maiores e mais importantes beneficios, que se podem fazer aos homens, e em especial á classe popular, é inspirar-lhe o amor do trabalho: mostrar-lhe a sua utilidade, as suas inapreciaveis vantagens, os seus felizes resultados; fazer entrar este assumpto, como parte essencial, no plano da instrucção das primeiras escholas.

O trabalho é o destino commum de todos os homens, que existem sobre a terra: *comerás o pão* (disse Deus ao nosso primeiro pae) *comerás o pão á custa do suor do teu rosto*. Quem trabalha cumpre com o seu destino; obedece á voz do seu Creador.

O trabalho é a verdadeira pedra philosophal, que os antigos com tanto empenho, e tanto em vão, pretenderam indagar. A pedra philosophal consistia em converter os metaes em ouro. O homem tem em si mesmo a arte de crear o ouro; basta-lhe pôr em movimento os seus braços e as suas mãos.

O trabalho não deslustra, antes ennobrece e exalta a dignidade do homem. Pelo trabalho consegue o homem subjugar a natureza, e fazer-se senhor d'ella; conquista as suas riquezas e o seu podêr; transforma de mil modos os seus productos, e os multiplica, governa em fim a seu arbitrio, e faz fecundas as fôrças, que ella tem dispersas, e talvez ociosas, pelo ar, pelas aguas, no seio da terra, e pelo mais recondito dos elementos.

O trabalho fixa, e ao mesmo tempo entretem a inquieta actividade do homem, regulando-a e desviando-a de perigosos extravios e excessos; captiva-lhe os sentidos, e os submete a um regimen salutar. Os exercicios do trabalho previ-

nem ou acalmam as agitações da phantasia; dissipam os seus vãos prestigios, e extravagantes chimeras, trazem o homem ao conhecimento do positivo, do util, ao paiz das realidades.

O trabalho é uma eschola de sobriedade, de temperança, de virtude, e livra o homem dos funestos perigos da ociosidade. Os vicios não entram de ordinario, ou não entram com facilidade, na casa do homem laborioso, que não tem tempo para os acolher, afagar e animar. O homem afeito ao trabalho não se lembra do jôgo; porque não necessita de buscar meios de perder o tempo; não tem occasião de entrar em rixas e contendas com os seus vizinhos: não tem necessidade de usurpar o alheio para sustentar a vida. A estatistica dos crimes mostra que as classes laboriosas são proporcionalmente as que menos figura fazem no odioso e abominoso quadro das maldades humanas.

O trabalho é tambem uma eschola de resignação; porque nos ensina e lembra a nossa dependencia; corrige e castiga o nosso orgulho e vaidade; conduz-nos á consideração dos nossos deveres e da nossa commum sorte; e é um longo e contínuo commentario d'aquella verdade capital, que define a vida humana como um tempo de soffrimento, e como uma grande preparação para outro melhor estado.

O trabalho conserva a saude; dá fôrça, vigor, robustez, e agilidade ao corpo; entretem a tranquillidade do espirito, a paz interior, o equilibrio das paixões, o exercicio de todas as nossas faculdades. Com o trabalho paga o homem o tributo que deve á sociedade, que protege e defende; concilia o amor da sua familia, dos seus visinhos, dos seus concidadãos, e dá bons exemplos a seus filhos. Em fim, o homem amigo do trabalho é essencialmente interessado na conservação da boa

ordem pública, porque d'ella depende a posse, e gozo pacífico dos fructos da sua industria.

Convençam-se bem os homens d'estas importantes verdades. Tomem os paes e os mestres a seu cuidado inspiral-as no ânimo dos seus filhos e discipulos. Procurem os parochos introduzil-as em seus discursos e exhortações, empregando'nisto toda a efficacia do seu zêlo, toda a influencia do seu respeitavel ministerio.

Mostrem ao povo quanto é agradável a Deus, que cada um, trabalhando, cumpra com o que elle lhe ordenou: digam-lhe que as Sanctas Escripturas estão cheias de preceitos e de maximas sôbre este objecto: de severas invectivas contra a preguiça e ociosidade; de terriveis pinturas dos funestos effeitos d'estes odiosos vicios.

O povo é naturalmente religioso e christão; mas é necessario dirigir-lhe bem esta feliz propensão, e não abusar d'ella. Para isto basta expôr-lhe singelamente a verdade e fazer-lh'a sentir.

SENTIMENTO DO INSTINCTO

(Continuação do n.º 3)

As fôrmas com que havemos de existir no futuro, e que se conservam immutaveis, e indeleveis até á morte, recebemol-as da familia. Estranhos não podem incumbir-se da tarefa árdua e sublime, que Deus impõe aos proprios paes, como sentimento natural e suave: a fim da reflexão não os fazer recuar, ao impôr-lhes os seus encargos immensos. A infancia fóra d'estes esteios naturaes a que se encosta, não encontra senão solidão e tristeza, e assim vae com esta última, bebendo a existencia. E a tristeza, por isso que foi a impressão da infancia, domina depois: o coração cansado de soffrer, roído de dor, desanima por fim, e deseja morrer; porque deseja um novo estado, que não seja a vida, e a morte é o unico.

Em fim, a satisfação exclusiva do instincto, o amor sem amizade, é o esquecimento da dignidade humana—é o abysmo cavado pelo homem, onde vae lançar com as proprias mãos, as flores mais bellas, que tinha para embellesar a vida.

Apesar, porém de tudo isto, na primeira quadra do amor predominam sempre as exigencias da natureza physica.

Os nossos sonhos dourados da adolescencia, quando a imaginação nos gera um ser reves-

tido de perfeições, analysemol-os bem, e vejamos se não creámos á mulher as qualidades physicas as mais encantadores, se não antepomos a belleza material ás qualidades moraes.

Nunca, de certo, alguém cinzelou asperas e feias as fôrmas da primeira creação do amor, que lhe brotou da phantasia; cria-se tão formosa como a estátua mais bella de Venus, ornato d'um templo pagão; depois d'isso, é que se lhe sopra a alma—uma alma de anjo.

Se, pois, em creação abstracta e quimerica, os atrativos materiaes exercem primeiro o seu poder sôbre o homem, que fará quando a imagem for viva e real?

O predomínio do instincto vae diminuindo pouco a pouco. Os temperamentos fazem que elle active com mais ou menos duração. É depois d'este reinado primeiro, mas breve, que o amor material abdica em favor do sentimento que fica só: é a segunda e ultima phrase do amor. A affeição que resta é mais elevada que d'antes; porque sósinha, no seu sanctuario, recolheu tudo o que gozaram os sentidos e engrandeceu-se com isso; concentrou em si tudo o que as sensações perderam.

O homem, abraçado a quem deu tudo o que a terra pôde dar, não precisa de olhar atrás; a imagem encantadora do passado apegase a elle cheia de recordações, e sublime de realidade. O passado, o presente, o futuro, resume-os ella, que é o symbolo do que elle gozou, goza e ha de gozar.

Acabarei dizendo sôbre o amor como sentimento—que a mulher seria um raio da poesia dos anjos, reflectido na terra; ou seria um anjo e não uma companheira do homem.

De que nos serviria ella com suas galas do ceu, se nem as podiamos tocar. A mulher assim seria um principio de tormento para o homem; um brinco divino para seu martyrio; um fio de agua, que Deus lhe faria passar ao pé da bôca para augmentar-lhe a sêde ardente, e que, ao chegar-lhe os labios, desaparecia.

O amor não curva a fronte sôbre o prestigio da gloria. A mulher não ama o homem, porque lhe apregôa o nome; mas porque uma attracção, um sentimento indefinido, a leva elle.

Seria uma crueldade dar-lhe Elle os appetites com que o creou; e, sem lh'os deixar satisfazer; avivar-lh'os com a presença contínua da mulher—«Dá um beijo, e de anjo que eras, faz-te mulher» diz Victor Hugo.

O MONDEGO

Foi na alta serra da Estrella,
Que bem pequeno nasci;
Foi por lá, por esses montes,
Que pouco a pouco cresci:
Contando mil vassallagens,
E abrindo fundas passagens
O meu poder conheci.

Cresci muito; arrojéi-me
Por essas baixas além,
Despertando na carreira
Os echos que os valles têm:
Fiz de mil coisas pedaços,
E levei ante meus paços
Os mesmos homens também.

Pelos campos de Coimbra
Os meus braços estendi;
Mais longe, no vasto oceano,
Minhas aguas confundi:
Se ajuntei o herco á campã,
Por onde meu vulto acampa,
Ainda vivo, não morri!

Ainda vivo, e velhos tempos
Tambem posso recordar;
Alguns crimes, olvidando
Nobres feitos relembrar:
Senão, vêde os que em meu seio
Quantas vezes sem receio
Vêm sem sustento buscar.

Ainda vivo, e d'outras eras
A Luza Historia bem sei;
E ás jerações que ora vivem
Algumas coisas direi;
Pois me apraz lembrar agora
Esses bons tempos d'outr'ora,
A um povo que já foi rei.

Quando as hostes dos romanos
O mundo criam por seu,
Um guerreiro denodado
Neste solo então viveu;
Simples pastor dos herminios
P'ra livrar estes dominjos
Nas montanhas appar'ceu.
Rijos combates se deram
Entre Luzos e Romanos;
Roma tremeu assustada,
Roma soffreu grandes damnos.

E, Viriato, na historia
Eternizou a memoria
Dos valentes Luzitanos!
.....
Rasguem centelhas o espaço,
Que de mim não zombarão;
Arda a terra em mares de fogo,
Que a meus pés se acabarão;
O meu fim é um mysterio,
E acabar com meu imperio
Só pôde do Eterno o mão!

II

Seis dias a chover! negras torrentes
Dos altos montes sobre mim despendem:
Possante ventania encrespa as aguas,
E dobra com furor altivos alamos,
Que abaixar a cerviz jámais souberam!
Irado me exaspero, e o corpo estendo
Por esses campos; rapido transponho
Muralhas que me oppõe humano exforço:
Tudo curvo a meus pés se mostra humilde,
E eu cresço mais e mais, e tudo alago
Em minhas aguas murmurantes sempre.

Coimbra, de nobres reis patria ditosa,
Em fresquissimo outeiro recostada,
Qual formosa rainha em throno excelso,
Que, alegre por haver um tal vassallo,
Que em suave murmurar, tranquillo sempre,
Meios de lhe agradar continuo busca:
Assim de meu furor incanta preso,
Coimbra, vê captivos habitantes,
Anciados ante mim em frageis barcos
Pressurosos fugir; novo diluvio
Julgando vir do céu por culpas suas.

Tudo submetto ao nada, na passagem,
Se mais é de que o meu fragil seu braço!
Treme de me arrostar solida a ponte,
Que ha seculos já meu poder sabe,
E, impávida sumir vê seus pilares
Em meu leito d'areia a pouco e pouco.

Segredos leve ao mar em minhas aguas,
Que num longo viver tenho aprendido;
E nunca de os violar culpar me podem!
Pois quiz a mão do Eterno, que somente
Verdes salgueiros meu fallar soubessem,
E os fertes campos que eu alago ás vezes;
Só se indiscreto foi algum dos echos,
Que, ora áquem, ora além em mudos valles
Brincar com meu ruido alli costumam.

Da miserrima Ignez a cruel morte,
 Para perpetuar d'ella a memoria,
 Cheias de lucto e dôr as nymphas bellas
 Longo tempo a chorar foram afflictas:
 E eu, barbaro, a vi banhada em sangue,
 « Sêccas do rosto as rosas, e perdida
 Co'a luz dos olhos sua côr tão linda!...
 E eu cruel, não sepultei em minhas aguas
 Taes homens, que de o ser indignos eram!...
 Raivoso me atirei sobre os conventos (*)
 Onde em honra do céu cantavam hymnos,
 Do claustro na solidão piedosas freiras!...

Tudo curvo a meus pés se mostra humilde;
 E eu cresço mais e mais, e tudo alago
 Em minhas aguas murmurantes sempre.

III

Desponta o sol no horisonte,
 Tudo alegre o brilho seu;
 Desfaz-se o pesado manto
 Em que a terra se envolveu:
 Minhas aguas crystalinas,
 Retratam verdes collinas,
 Reflectem o azul do ceu.

Ninguem que me veja agora
 Tão mansamente correr,
 Dirá que eu era o gigante,
 Que fiz os homens tremer:
 Que, qual immensa voragem,
 Fiz na rapida passagem
 Tanto susto conceber!

Quem me vir tão socegado,
 A quente arêa banhar;
 E do norte a aragem tepida
 Minhas aguas ondular;
 Em mim retratar-se a lua,
 D'estrellas co'a côrte sua
 Quem vir de noite ao luar:

Quem ouvir nas verdes margens
 Da noite o mago cantor;
 Quem gozar ao romper d'alva
 Meu tão suave frescor;
 Quem vir por essa collina
 O sol erguer ja neblina
 Descobrimdo-lhe o verdor;

(*) S. Anna, S. Francisco, S. Clara, e S. Domingos.

Dirá janeto a mim sentado:
 Oh! que fresca viração!
 Aqui tudo são encantos,
 Tudo falla ao coração!
 Falla a agua que murmura,
 Falla da briza a frescura,
 E da noite a solidão!

E eu direi: tudo no mundo
 A vida tem sempre assim;
 Ora bonança ou tormenta,
 Como bem vistes em mim:
 Uma hora descuidada,
 Outra hora amargurada...
 Do principio a par o fim!

Coimbra, 1862. — *Um artista.*

NOS CAMPOS DO ETERNO ABRIL

A. F. DE CASTILHO.

Que lindissimo sorriso
 Te confrange as faces, filho!
 As portas do paraizo
 São teus labios de carmim!
 Tu sonhas sorrindo, anjo!
 Tu brincas com teus irmãos:
 E aos pés do Supremo archanjo
 Não te lembrás, tu, de mim?

Acorda, filho, desperta,
 Conta a teu pae o que vês
 Na etherea morada aberta
 Assente em campos d'anil.
 Não vens ao brado paterno?
 É melhor não acordar!
 É melhor o somno eterno
 « Nos campos do eterno abril!

Janeiro de 1862. — *Um artista.*

VARIÉDADES

Singular descoberta d'um thesour o

O facto seguinte lê-se no Collectanea Cl. Castellani.

Na estrada real da Apulha, reino de Nápoles, estava uma estátua de mármore, com esta inscripção: — *No primeiro dia de maio ao nascer do sol, eu terei uma cabeça de ouro.* — Por duzentos annos esteve a estátua sem ninguem decifrar o sentido d'estas pala vras

mysteriosas. Um estrangeiro (Serraceno, diz Castellani) passando por alli, leu a inscripção, e capacitou-se de ter interpretado, mas a ninguém communicou a sua suspeita. Como era já passado o primeiro de maio d'aquelle anno, continuou seu caminho; mas no anno seguinte voltou ao sitio pontualmente no último de abril. No dia immediato, antes do nascer do sol, collocou-se ao pé da estátua, e observando com attenção onde cahia a sombra da cabeça da estátua, no momento exacto em que o sol surgiu no horisonte, mandou ali fazer escavações, e acham immensos thesouros.

A bulla

O celebre Montesquieu fez uma viagem a Roma, precedido pela reputação de seu nome. O papa tractou-o em quanto elle alli se demorou, com toda a affabilidade, e á despedida lhe disse: *«Quero fazer-vos uma graça, meu caro Montesquieu, em prova da minha estima. Permitto-vos, a vós e a vossa familia, comerdes carne á sexta feira.»* Agradeceu o philosopho, e ia retirar-se: porém o cardeal lhe declarou que era preciso sollicitar a competente bulla, para entrar na fruição da graça concedida, e conduziu-o á Dataria. Lavrou-se o diploma, e antes de o darem a Montesquieu, lhe apresentaram a conta da despesa, somma enorme, que elle entendeu não podêr, ou dever pagar. Então sem hesitar voltou-se para o cardeal, que o tinha conduzido, e lhe disse: *«Eminentissimo senhor, Deus e o meu cura sabem que o papa é pessoa muitissimo capaz, e que eu não costumo mentir. Escusam estes senhores de se incomodar mais; porque gozarei da graça, sem graça da posse, e creio que não haverá novidade a este respeito.»* Dicto isto sahio da Dataria, e foi-se aviar para partir de Roma.

Maravilhas

Os homens, em quanto uma cousa se não faz, maravilham-se de que se possa fazer: feita ella; maravilham-se de que ha muito se não tivesse feito. — (Bacon.)

NOTICIARIO

DECLARAÇÃO — Para satisfazer aos desejos d'um grande numero de nossos collegas, iremos reproduzindo tudo quanto encontrarmos de melhor, que se tem publicado no nosso paiz, que não podem estar ao alcance de todos, e por isso desde já, pedimos a devida venia aos seus illustres auctores.

A HOMEOPATHIA — Faz grandes progressos na America.

Segundo refere o *Diario do Povo*, um medico hespanhol em Chil, escreve:

«Durante o espaço de tres annos, tenho tido a meu cargo um consultorio homeopatico, e nelle tenho recebido duzentos e oitenta mil enfermos pobres: no mez anterior vieram ao consultorio tres mil quatrocentos e trinta e dois enfermos.

A allopathia nunca se resolveu a fazer este beneficio aos pobres!

SERÁ POSSIVEL? — No hospital de S. Thiago de Corunã (Hespanha) foi operada nma mulher, que em seguida deu á luz 17 creanças mortas!

DEMORA DE CORREIOS — Na sexta feira eram tres horas da tarde, e ainda não tinham chegado os do Porto, Vizeu, Figueira e Ceia, em consequencia do grande enchente do Mondego.

POESIA — No lugar competente publicamos e agradecemos a que um nosso collega e amigo nos fez favor de mandar, em consequencia do que tivemos que acrescentar mais meia folha ao jornal, o que fizemos de bom grado.

ESTÁTUA — Acaba (diz o *Nacional*) de se organizar em Londres uma commissão, composta de Mr. Foley, do barão Marochelly, do professor Westmaïott, de Mr. J. Smirke, de Mr. Jorge Godwin e do general Grey, para, conferenciando com Mr. Durham, accordar no que for mais conveniente para a erecção de uma estátua do fallecido principe consorte, que deverá collocar-se nos jardins da sociedade de Agricultura, conforme o desejo da rainha.

COLONIAS NO ALEMTEJO — A *Voz do Alemtejo* julga opportuna a occasião de regenerar economicamente aquella provincia, sem prejuizo para alguem, reservando algumas das herdades das pertencentes ás corporações religiosas, e repartindo as dictas propriedades em courellas, para as aforar aos particulares, mediante as devidas seguranças e garantias. Julga aquella jornal que d'este modo medraria a povoação da provincia, e augmentaria a sua agricultura.

EDUCAÇÃO — Tracta-se em Paris do projecto de fundar um collegio internacional, com estabelecimentos filiaes na Prussia, Inglaterra, Hespanha e

Italia; devendo os alumnos passar successivamente um anno em cada um d'estes collegios filiaes.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS — Sabemos (diz o *Commercio de Coimbra*) que o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes está elaborando o projecto de estatutos d'aquella associação, cujo encargo tomou sobre si na reunião dos artistas, que teve logar em casa do sr. Figueiredo Pinto, em 22 de dezembro ultimo. Fazemos votos porque as classes industriosas se compenetrem das vantagens que d'aqui lhe podem provir tractando de crear, e robustecer depois, a associação, que ora está em principio.

NOMEAÇÕES — Foram nomeados presidente da relação do Porto o sr. Antonio José Pereira Leite, e vice-presidente o sr. Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguillar.

DEMISSÃO — A do administrador do concelho de Marco de Canavezes, o bacharel Antonio de Sousa Carneiro, diz-se a fundamentára o governador civil do Porto na *incapacidade* do demittido. Parece que o motivo terá sido outro; o *Nacional*, dando esta noticia, expressa-se assim:

«Nem se quer conhecemos o cavalheiro demittido, mas asseguram-nos que as asserções do sr. governador civil ao govêrno a seu respeito são falsas e calumniosas, se assentaram, como se diz, na sua incapacidade.

«Esperâmos que este negocio se esclareça para fazer as considerações que vierem a proposito.»

EXPOSTOS — Em 30 de dezembro findo existiam na Sancta Casa da Misericordia de Lisboa 334 expostos, e achavam-se a cargo do mesmo estabelecimento 12:305 de ambos os sexos, entregues a mestres e amas. As creanças soccorridas em podêr das mães eram 504.

O movimento de entrada que houve durante o mez de dezembro foi de 256, entrados pela roda, dos quaes 142 com declarações e 114 sem ellas.

HOSPITAL DE SANCTO ANTONIO — Movimento d'este hospital desde 15 a 21 de janeiro:

Existiam em 15 de janeiro, 394 — entraram desde 15 até 21, 87 — total, 481 — sahiram desde 15 até 21, 65 — falleceram, 7 — total 72 — ficam existindo 409.

Cadeia: existiam em 15 de janeiro, 16 — entraram desde 15 até 21, 5 — total 21 — sahiram, 5 — ficam existindo 16.

CAMINHO DE FERRO — A *Opinião* noticia o seguinte: — «Vae proximamente começar-se a estação do caminho de ferro de Coimbra.

«Todos os dias chegam materiaes para o caminho de ferro e muito breve devem chegar mais uma locomotora e alguns wagons.

«No sabbado foi expropriado o terreno para a estação de Valladares.

«O tunnel da serra do Pilar tem já 5 metros do lado occidental, 158 metros do lado oriental e 50 metros de abobada.

«Na semana finda em 11, trabalharam na 2.^a divisão de Coimbra ao Porto 4:083 homens, 3:254 mulheres e rapazes, 449 carros, 8 cavaladuras e 38 wagons.

«Conta-se que para maio as locomotivas venham já de Estarreja a Villa Nova da Gaia, e que para setembro se abra á exploração pública o caminho de ferro de Coimbra ao Porto.»

CONVITE

José Pereira da Cunha Souttomaior, pharmaceutico 'nesta cidade, desejando suffragar a alma de Sua Magestade El-Rei o senhor D. Pedro V, e de seus Augustos Irmãos de saudosa memoria, tem deliberado mandar celebrar uma missa na Sé Cathedral no dia 30 do corrente, pelas 9 horas da manhan; por isso roga aos seus amigos e aos briosos artistas d'esta cidade, se dignem concorrer a este acto, pelo que se confessará summa-mente agradecido.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

NOVA TABUADA

EXACTA E CURIOSA

COM O NOVO

SYSTEMA METRICO-DECIMAL

DE PESOS E MEDIDAS

TABELLAS DE REDUCÇÃO

E

EXERCICIOS E PROBLEMAS PARA INTELLIGENCIA DO MESMO SYSTEMA

POR

J. S. Bandeira

Approvada pelo Conselho Geral de Instrução

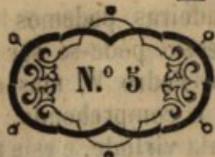
Pública.

3.^a EDIÇÃO

CORRECTA E REFORMADA

Vende-se na loja de livros da Imprensa da Universidade. Preço 50 réis.

FLOR DO MONDEGO



JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO



2 de Fevereiro

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Sem estampilha	
Por trimestre.....	240
Por semestre.....	400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade. Toda a correspondência, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha. Anuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Com estampilha	
Por trimestre.....	300
Por semestre.....	460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA



COIMBRA, 1 DE FEVEREIRO

EXEQUIAS DO SENHOR D. PEDRO V NA SÉ CATHEDRAL

O dia 29 e 30 de janeiro de 1862 devem ser dias que ficarão gravados entre os notáveis de Coimbra: — a historia terá de mostrar com louvor e admiração estes dias, occupados pela Academia em mostrar ao mundo, o seu amor, a sua afeição, ao Rei que nos falta, ao rei liberal, ao Rei Pedro V. — Descrever a pompa, a grandeza, a regularidade e boa ordem das exequias mandadas dizer pelos Estudantes da Universidade de Coimbra não comporta a pequenez do nosso jornal, mas assim mesmo podemos afirmar afoitamente que este acto foi respeitavel, e digno da corporação que o executou. Os Estudantes da Universidade de Coimbra mostraram mais uma vez o amor que os ligava ao seu protector, ao Rei irmão no estudo, no cultivo das sciencias.

Esta divida sagrada paga pela Academia ao Rei liberal, esta divida, repelimos, que foi paga pelos Academicos com tanto brilho, deve merecer a attenção de todos os bons portuguezes, e honrar em demasia a Academia de 1862.

Vamos de passagem descrever mui resumidamente as exequias celebradas com tanta solemnidade,

e afirmar com a verdade de que somos capazes que este acto notavel correu com tal dignidade que raras vezes, e mesmo em terras aonde se encontrem mais elementos, difficilmente poderá ser igualado.

A rapidez com que escrevemos, não nos permite que façamos uma descripção minuciosa do estado em que se achava, no gosto funebre, o vasto e magestoso templo da Sé Cathedral, o que faremos para os n.ºs seguintes, se por ventura alguns dos nossos collegas, o não fizer primeiro.

O que podemos affiançar com toda a certeza é que por muito que digamos, será pouco para fazer sentir aos nossos leitores, que o acieo, a decencia, e a boa ordem em que se achava a Sé Cathedral, era suprehendente e nunca vimos cousa melhor!

Às cinco horas da tarde do dia 29 começaram os officios funebres de vespuras e matinas, como estava annunciado, assistindo a este acto um grande concurso de povo de todas as classes e acabou ás 8 horas e meia da noite. A musica, sob a direcção do nosso patricio o sr. padre Brandão era composta ao todo, entre cantores e musicos, de 100 e tantos individuos, pouco mais ou menos sendo em grande número de Academicos. A guarda de honra feita ao catafalco, foi concedida tambem a estudantes militares.

No dia 30 ás 9 horas da manhan reuniram-se na Universidade todos os Estudantes e corpos docentes, eram 10 e meia quando d'alli se dirigiram em alas fechando o prestito a philarmónica Boa-União pela rua Larga, Loios e Feira; chegados que foram a Sé Cathedral os estudantes formados em duas alas deram passagem pelo centro ao ex.^{mo} reitor e vice-reitor e corpos docentes, em acto contínuo principiaram os actos religiosos em que officiaava o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Deão da Sé Cathedral.

Subiu ao pulpito o dignissimo lente de theologia, o sr. Dr. Francisco dos Sanctos Donato, que foi sempre escutado com admiração.

O orador mostrou-se não só digno do respeitavel auditorio, mas tambem do assumpto que tão dignamente soube desempenhar.

Os academicos de Coimbra, não podiam fazer melhor escolha d'um interprete dos seus sentimentos.

Assistiram o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, arcebispo de Goa, primaz do Oriente, que fez as ultimas absolvições, e todas as auctoridades d'esta cidade, o corpo cathedratico, professores do lyceu, chefes de repartições públicas, empregados públicos, as diversas redacções, os representantes das associações. Contava-se no templo mais, talvez, de tres mil pessoas!!

Terminou esta solemnidade religiosa ás 5 horas da tarde. Correu tudo na melhor ordem, devida ao zelo e ás maneiras delicadas dos dignos membros da commissão, e de muitos outros academicos que se não pouparam a coadjuvarem-na.

Os membros da commissão compunha-se dos seguintes cavalheiros: Manuel Emygdio Garcia, João Manuel Cardoso de Napoles, José Antonio de Sanct'Anna Correia, Manuel Paulino de Oliveira, José Augusto da Silva Maltos, Antonio de Ascensão, Jeronymo Rodrigues Ramos, Julio Cesar d'Almeida Rainha, Antonio Bernardino Cerqueira Lobo e José Correia de Loureiro.

São merecedores de todos os louvores por tão dignamente desempenharem o honroso encargo que lhe fôra confiado.

Passa o tempo, distráe-se o espirito, enche-se-nos o coração de novas esperanças; o tempo quer apagar a tristeza, calar em tantos peitos portuguezes a saudade mais que profunda que nos merece nosso Rei e Principes, mas que? nem estes elementos fortes e radicaes apagam com sua energia a forte perda que hoje e talvez sempre teremos de chorar.

Foi grande a perda, grande como o mostram e representam tantas lagrimas, como o mostram tantos suspiros abafados, nascidos do fundo d'alma, e revelados por tanta tristeza, por tanto carpir.—Nunca chegará o esquecimento, não póde chegar porque a perda foi lamentavel e a saudade é profunda. Tudo nos assegura nossas palavras,

e quando ellas são verdadeiras podemos dizer que não ha povo como este: póde-se ser bom Rei, póde-se ser Rei como Pedro V, mas é necessario haver povo que o comprehenda, povo que avalie devidamente tanta virtude, e este povo, só o portuguez.

Partidos não os ha, facções acabaram, desharmonias não existem, despeitos morreram, quatro milhões de portuguezes metamorphoseados em um só, choram e chorarão sempre, não o Rei Pedro V, não os Principes, mas lastimam a perda cara dos paes, dos irmãos, dos enfermeiros no leito da dor, no passamento de vida, no derraqueiro momento da agonia.

Ainda mais uma demonstração pública vem ferir profundamente nossos corações, e como que o mal fôsse recente, imprime-se 'nalma o mesmo sentir, manifestado pela saudade acerba que nos devora; quando a magua é forte, o espirito agita-se com facilidade, ainda mesmo que a resignação tenha já estendido por todos nós, o manto agasalhador da consolação. Querendo dar aos nossos leitores a noticia que vamos narrar-lhe não póde nosso coração deixar de patentear nossa dôr, e dar-lhe como remedio, como lenitivo, este desabafo espontaneo, filho de impressões fortes que magoam todos os Portuguezes, e que a nós como narradores nos será bem tolerado; porque ainda hoje quasi involuntariamente se nos curvam os bicos de nossa penna, ao ter de descrever ou noticiar, actos que honram as pessoas que os praticam e concorrem. O ill.^{mo} sr. José Pereira da Cunha Soutto Maior dignissimo pharmaceutico d'esta cidade, a exemplo de muitas classes da sociedade fez um convite especial a todos os seus collegas, afim de se reunirem no Dispensatorio Pharmaceutico da Universidade para deliberarem de commum accordo em quaes as demonstrações públicas de septimento que se deveriam fazer a fim da sua classe manifestar o sentimento que a magoára pela irreparavel perda que soffremos nas pessoas da familia real: porém qual sería o espanto do sr. Pereira ao vêr 'nessa reunião menos de metade dos seus collegas! Custa a crer, mas é exacto, não commentaremos este factio porque são portuguezes, irmãos nossos, que os praticam, e isso basta para mesmo por nossa dignidade calarmos as muitas considerações que a consciencia nos dicta. O sr. Pereira como querendo (talvez) remediar a falta de seus collegas mandou dizer uma missa

no fim da qual o ex.^{mo} sr. vigário geral entou os responsorios a que concorreram alguns de seus collegas e amigos, em que se incluem pessoas muito distinctas, suffragando a alma do nosso chorado Rei e Principes.

O sr. José Pereira distribuiu grande quantidade de esmolas á sua porta a pobres, assim como tambem lhes perdoou muitas receitas; vae ceder a favor dos asylos a importancia d'algumas do receitauario que está por cobrar!... Honra lhe seja.

VARIÉDADES

— Para as mulheres, a brandura é o melhor meio de ter razão. (Ninon.)

— O coração d'uma mulher galante é como uma rosa, da qual cada amante tira uma folha; dentro em pouco, o marido fica só com os espinhos.

(Madm. Arnould.)

— A mulher ficaria desesperada se a natureza a tivesse feito como a moda a apresenta.

(Madm. l'Espirasse.)

— A mulher que faz da sua belleza um merito dá a entender que não tem outro maior.

Sem risco, nenhuma mulher nova póde ter um amigo que não seja pae ou seu marido.

A mulher que aceita presentes d'um homem, contrahe uma dívida, que se arrisca a pagar com a sua propria pessoa.

O amor, que não é mais que um episodio da vida dos homens, é a historia da vida das mulheres.

(Idem.)

— Haveria menos mulheres enganadas, se podessem renunciar á sua maxima commum, preferindo o homem que as ama áquelle que ellas amam.

(Madm. Dunoyer.)

— A mulher que troca a modestia pela confiança perdê metade de seus encantos.

(Mad. Graffigny.)

— Sem modestia, que são os agrados das mulheres?

(Mad. de Campam.)

NOTICIARIO

UM PORTUGUEZ BENEMERITO — (Diz o *Commercio de Coimbra*: — Á imprensa cabe a missão de registrar o nome dos cidadãos prestantes, que por actos nobres a si se nobilitam, honrando ao mesmo tempo o paiz a que pertencem.

Um nosso distincto compatriota, o sr. commendador Manuel Lourenço Baeta Neves, da longinqua

terra em que reside, não se esquece do seu paiz natal, e por uma conti nuada serie de acções generosas, tem conquistado a consideração de todos. Eis o que a seu respeito lemos no *Commercio do Porto*:

«Tendo o commendador Manuel Lourenço Baeta Neves, natural do concelho de Goes, no districto de Coimbra, e residente no imperio do Brazil, mandado fazer á sua custa uma ponte de pedra sobre o rio Ceira, entre Cadafaz e Cabreira, um chafariz na villa de Goes, e outras obras de interesse público, mandando além d'isto distribuir avultadas esmolas pelos pobres d'aquelle concelho, a camara municipal de Goes pediu áquelle seu benemerito conterraneo o seu retrato para ser collocado na casa das vereações.

«O pedido foi satisfeito e o retrato do sr. Baeta Neves, ricamente encaixilhado, foi pelo mesmo senhor remettido, e já está nos paços do concelho da villa de Goes, como recordação permanente do portuguez benemerito que, longe da patria, tanto amor consagra á terra que o viu nascer.»

O SEculo — No competente logar inserimos o annuncio d'este jornal noticioso e satyrico, que se publica no Porto. Merece a consideração do público a quem pedimos todo seu auxilio para um jornal, que em nada tem desmerecido o seu programma, e a prova está nos n.^{os} já publicados, em que seus illustres redactores têm mostrado, tratando de questões ainda as mais difficeis, toda dignidade.

ANNULAÇÃO — No dia 27, foi annullada pelo conselho de districto a eleição da camara d'esta cidade.

GRATIDÃO E SAUDADE — Os artistas portuenses vão dar um testemunho de gratidão e saudade á memoria do honesto e benemerito estadista Manuel Passos. Promove-se uma subscrição para se celebrar exequias pelo descanso de sua alma.

REUNIÃO SIGNIFICATIVA — Lê-se no *Commercio do Porto*: Conta um jornal de Madrid que no dia 14 tivera logar 'naquella capital, em casa do sr. Marcoartu, a primeira reunião das pessoas que se propozeram associar-se para preparar uma serie de trabalhos conducentes a tornar mais íntimas as relações entre Hespanha e Portugal.

A *Correspondencia de Hespanha* de 13 diz:

«Agita-se o projecto de organizar um centro, onde, prescindindo da questão politica, se reunam periodicamente todas as pessoas influentes nas sciencias, nas artes, letras, commercio e industria, e que aspiram a estreitar as relações entre Portugal e Hespanha. Nestas reuniões se estudarão e escogitarão os meios que, sem prejuizo de interesses respeitaveis, possam contribuir a que se apertem

cada dia mais os laços que devem unir os dois povos.»

Não faltará quem queira descobrir 'neste projecto ideias de fusão, que o tornem suspeito.

FESTIVIDADE — Tem hoje logar na igreja de Sanct'Iago, uma festa a Nossa Senhora da Conceição. Hontem á noite esteve a philarmonica do sr. João Alves executando lindas peças de musica, na praça de S. Bartholomeu, as janellas achavam-se brilhantemente illuminadas, e a este acto concorreu um grande concurso de povo.

GUIA DE MECHANICA PRÁCTICA — O sr. C. A. Pinto Ferreira vae dar ao prélo este seu apreciavel trabalho, que precedeu de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria, para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica; seguindo-se-lhe uma grande quantidade de tabellas e cálculos para uso dos engenheiros machinistas, directores e contramestres de fábricas e fiações, architectos, conductores de trabalhos, e em geral de todos os industriaes.

O prospecto com a divisão das materias publicámol-o já nos numeros anteriores d'este jornal, e para alli remetemos os nossos leitores.

Sabemos que já está na imprensa a obra de que tractámos, para a qual se recebem assignaturas em diversas livrarias de Lisboa e Porto, e na livraria da imprensa da universidade de Coimbra, pagando 60 réis no acto da entrega de cada folha.

HORRIVEL ABERRAÇÃO — No dia 8 de janeiro corrente, diz o *Jornal de Francfort*, um sapateiro de Weschechlab assassinou sua mulher, uma filha de 16 annos, um filho de 8 annos e um menino de 6 mezes.

Os cadaveres das victimas appareceram nas suas camas, excepto o da filha, que estava amarrado a um movel, pelo corpo e cabellos.

O assassino fugiu, deixando escripto sôbre a mesa, com giz:

«Dividas e miserias, é a morte!»

AGRADECIMENTO

José Pereira da Cunha Sottomaior, pharmaceutico estabelecido 'nesta cidade, summamente penhorado pelo distincto obsequio, que recebeu por differentes cavalheiros, academicos, commerciantes e artistas e tambem por aquelles dos seus collegas, que, por deferencia se dignaram concorrer e assistir á missa funebre, celebrada, a seu convite, na Igreja de S. João d'Almedina no dia 30 do mez proximo passado para suffragar a Alma do mais bondoso dos Reis, o Senhor

D. Pedro V c de Seus Augustos Irmãos, de sempre chorada memoria, a todos tributa os seus cordeas agradecimentos.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

O SEculo

Este jornal principiou a publicar-se semanalmente no primeiro do anno, porém não sendo possível satisfazer todo o seu programma, por falta de espaço, sahirá duas vezes por semana logo que realise sufficiente número de assignaturas. Realizadas, será politico, mas a sua divisa será a imparcialidade. Advogará tudo que for d'interesse geral — o commercio, as artes e as industias — estigmatizará os abusos das authoridades civis, militares, ecclesiasticas e judiciais — publicará semanalmente uma chronica estrangeira — um folhetim critico-litterario — e successivamente melhorará quanto seja possível.

Os preços continuam os mesmos. Por anno, franco de porte, para o reino e ilhas 2\$000 rs.

As assignaturas das provincias, para serem attendidas, devem vir acompanhadas do respectivo importe. Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, á redacção do SEculo, rua de S. Miguel n.º 61 — Porto.

NOVA TABUADA

EXACTA E CURIOSA

COM O NOVO

SYSTEMA METRICO-DECIMAL

DE PESOS E MEDIDAS

TABELLAS DE REDUCÇÃO

E

EXERCICIOS E PROBLEMAS PARA INTELLIGENCIA DO MESMO SYSTEMA

POR

J. S. Bandeira

Approvada pelo Conselho Geral de Instrucção Pública.

3.ª EDIÇÃO

CORRECTA E REFORMADA

Vende-se na loja de livros da Imprensa da Universidade. Preço 50 réis.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

FLOR DO MONDEGO



N.º 6

JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

9 de Fevereiro



1862

PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha

Por trimestre..... 240
Por semestre..... 400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.

Toda a correspondência, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha.
Annuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Com estampilha

Por trimestre..... 300
Por semestre..... 460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 8 DE FEVEREIRO

TRABALHO, RECREIO, HONRA E VIRTUDE

O homem que nos seis dias da semana se emprega em suas lides de fadigas e trabalho, que curva a fronte á terra e levanta seu pensamento a Deus, para que lhe conceda fôrças necessarias para viver com honra e não perecer, nem dar occasião a que sua familia pereça á fome e min-gua, precisa de ter um dia de descanso.

Tem o domingo.

Deu-lh'o Deus para repouso de suas fadigas im-pondo-lhe ao mesmo tempo a restricta prohibi-ção de trabalhar 'nesse dia. Deu-lh'o Deus fazendo ver que nos seis dias da semana formou a terra e tudo quanto vegeta sôbre ella; formou as re-giões celestes, e tudo quanto ha de grande, ma-gnifico e bello 'nessas alturas, patria dos bem-aventurados! e ao setimo descansou.

Eis o incomparavel exemplo que se nos deu. Nós, como bons filhos do christianismo cumpre-nos, por obrigação não transgredir o excelso exem-ple do martyr do Golgotha; cumpre-nos por obriga-ção, não ultrapassar as balizas dos justos de-cretos do Poderoso Supremo Sêr.

O artista, o agricola, o homem emfim, traba-lha toda a semana, e ao dia sanctificado, descansa. E qual a sua primeira obrigação 'neste dia?

Sabe-o todo o que ama as crengas do chris-tianismo; sabe-o 'numa palavra, todo o que é verdadeiramente christão.

O homem quando está disponivel do trabalho, quando tem cumprido primeiramente com os ritos da igreja, tem um meio, aliás decente, por onde pôde afastar-se dos divertimentos super-fluos e retroactivos: das contendias, das rixas malevolas, da ociosidade — tem o passeio, pro-

fica distracção. Como é aprazivel uma tarde de recreio!

Vae ouvir o melodiado das aguas chrystallinas que no regato caminham mansamente ao seu destino. Vae ouvir o descantar do rouxinol que de ramo em ramo, entôa, trinando, seus hymnos de graças á Natureza que o creou. Vae ouvir o murmurar das folhas silvestres dos valles que são acoutadas pelo assôpro impavido da fresca brisa. Vae admirar essas canções da natureza; essa poesia encantadora, essa belleza apreciadora que o coração sente, e por cuja promoção nos deixâmos arrastar pela seducção melancolica e magica, subtilmente infiltrada na alma sensibili-sada e votada á contemplação de mysterios!... se linguagem houvera capaz!...

E não será este o melhor caminho para afusar os bons costumes, e nos afastarmos do trilho da corruptela despotica do vandalismo; da prevari-cação torpe e immunda? Não será este o melhor caminho da vida positiva? Não será este um mel-hor retiro para nos livrarmos das sinuosidades em que se desperdiça o melhor tempo: como, v. g. 'numa espelunca de jogos, que é a perdição da sociedade de familias? — Oh! é sem dúbida!

— E não haverá outro meio de passa-tempo, nos dias em que estamos disponiveis do traba-lho? Ha sim... mas é preciso que esses outros meios sejam decentes; profiram voz da razão, honra e virtude.

Que a vida do homem é breve, sabem-o to-dos; para alcançar honra e gloria, custa muito: — mas com tudo, ganha ella, fica immortal com o homem, e depois d'este, juncta-se ao nome do mesmo homem — á sua recordação!

E para a honra se perder?... todos sabem que custa... e não custa nada...

Que vem a ser um homem sem trabalhar, sem virtude e modestia, ainda mesmo nos passeios, cuja observancia lhe é restrictamente recommendada?

Perdida a honra do homem, é, ou fica sendo semelhante a um paiol de polvora que chegando-se-lhe uma braza, só se sente a explosão, e que não deixa outros vestigios senão o damno que causou por meio da mesma explosão, e umas poucas de fezes dos materiaes.

Pelo contrário morre um mortal, foi honrado e virtuoso em quanto viveu 'neste cahos: seu corpo volta ao pó, d'onde foi engendrado—mas o seu nome vive sempre!

Desenganem-se. O trabalho, o recreio (sendo bem dirigido), a honra e virtude, eleva e põe o homem participando a tutela da sociedade, e o seu nome jámais é proferido, que não seja acompanhado d'um honrado elogio, ou d'um triumpho gloriosamente immortal. M.***

EDUCAÇÃO MATERNA

I

O que é a mulher? — O que é este ente a quem devemos o existir, que guia os nossos primeiros passos ao sahir do berço, e que, assimilando-se a um anjo consolador, véla por nós até descermos á sepultura?

Os rudes Francos, sahidos dos bosques da Germania, em vez de estabelecer a minima analogia entre os dois sexos, estavam antes persuadidos que a mulher era de uma especie privilegiada pelo ceu, e não duvidaram de havel-a por instituidora e mestra das suas tribus guerreiras. Estes barbaros (nomes que nós lhes damos) tinham com o seu bom e singelo juizo conhecido que onde resplandecesse a ternura materna, ahi residiriam todos os elementos do progresso e ventura da humanidade. Brevemente desherdada dos seus direitos sagrados, e limitada, em cambio da veneração religiosa que lhe coubera, unicamente aos cortejos de ridiculo e culpado galanteio, a mulher foi constringida a abandonar a sua missão de bemfeitora. Comtudo, sem embargo da nossa injusta e desassida usurpação, ainda podemos certificar-nos de que com isto nos privamos nós mesmos de grandes vantagens.

Com effeito, sahindo-lhe das mãos, para cahir nas do homem, as creanças degeneram logo: a nossa aspereza lhes murcha as graças: o espirito se lhe torna inflexivel e brigoso: esmorece-lhes a esperteza e perspicuidade, e muitas ve-

zes somem-se ambas para darem logar á torpe ignorancia, ou ás tristes consequencias de uma educação viciosa.

De que nasce isto? — de ser incapaz o homem de desinvolver 'nellas as primeiras faculdades, sendo tão habil em aperfeiçoar a propria especie: assás afastado da infancia pela sua situação social, ignora que sentimentos deva excitar, as molas que ha de mover, nem sabe advinhar as precisões d'estas tenras intelligencias, cuja linguagem desaprendeu, nem dirigir-lhes as vontades, nas quaes já não sabe ler. As mães, e só as mães podem aquillo que nunca o homem será capaz de tentar, com bom successo; pelo menos até a epocha, em que o infante, já mancebo, se possa aproveitar das suas lições scientificas. Entreguemos pois ao cuidado das mães o exercer as funcções para que a natureza as creou: não nos envergonhemos de confessar que nos enganámos em carregar-nos d'um ministerio, para que não temos vocação: regeneremos fundamentalmente a sociedade, e em vez de nos arrepender d'isso persuadamo-nos de que nos havemos de congratular d'esta prudente resolução.

Mas para tornarmos a tomar esta natural senda, nenhum meio desprezemos: cumpre-nos despertar no espirito das mães o sentimento dos seus deveres, achar-lhes todas as difficuldades, que poderiam pôr-lhes barreiras, não ao valor, mas á modestia.

Muito podem ellas, se quizerem: é o coração da mulher thesouro de affeição infinita: deixemo-nos as deshonrar de suas tentativas uteis, que assim virá uma nova era de regeneração ao mundo.

Não deve a mulher cessar um instante de ser mãe; e, visto haver a providencia posto a seu alcance tudo o que é essencial á existencia de seus filhos, cumpre-lhe abster-se de entregar a peitos mercenarios o cargo de lh'os sustentar, salvo quando 'nisso perigar a sua vida: tão sábia e providente é a natureza, que raras serão as que possam allegar razões legítimas, para se desobrigarem d'este sagrado dever.

E pois necessario que a mãe crie seus filhos: a sua ternura lhes deve ministrar todos os socorros: importa que ella responda ao seu primeiro balbuciar; para que elles não ouçam senão palavras de amor. Um abuso que devemos apontar aqui, e a que não chamaremos crime, porque nasce de intenções purissimas, é o mau costume, que tomam as mães, de estropear todas as palavras que ensinam ás creancinhas. Que querem

dizer estas expressões, em que se corrompem os elementos da linguagem? Porque inventam para os seus pequenos ouvintes um idioma de que nunca elles se hão de servir? Crêem acaso que é mais facil pronunciar palavras que ninguem entende? — Enganam-se muito se de tal se persuadem. Devem portanto deixar-se d'essa geringonça que não serve senão de lhes retardar o fallarem corrente, que é o fim que ellas pretendem alcançar.

O TEU NOME

O teu nome é harmonia,
Mil harmonias encerra:
Leio-o no mar e no espaço,
Nas maravilhas da terra.

L. CALDEIRA.

O teu nome é esp'rança fulgente,
Que 'num peito descrente raiou;
O teu nome é suspiro innocente,
Que um archanjo mimoso soltou.

O teu nome é estrella bemdicta,
Lá nas trevas da noite a brilhar;
Sancta luz que no templo crepita,
Isolada nas aras do altar!

O teu nome é o echo saudoso,
Repetindo palavras d'amor;
É o hymno celeste e mavioso,
Que modula da selva o cantor.

O teu nome é sonoro alaude,
Dediñado alta noite ao luar;
O teu nome é sereia que illude,
Quando triste começa a cantar.

O teu nome é o espaço azulado,
Recamado d'estrellas sem fim;
É de rosa um botão orvalhado,
Pelo pranto d'algun cherubim.

O teu nome é a aurora risonha,
Quando vem o universo acordar;
É o astro que em noite medonha,
Livra o nauta da morte no mar.

É teu nome uma nuvem dourada,
Que esvoaça apressada nos ceus;
É da lyra uma nota maguada,
É um meigo sorriso de Deus.

O teu nome é o estro arrojado,
Que ao poeta o Senhor concedeu;
É o facho divino e adorado,
Que a amizade no mundo accendeu.

O teu nome é a virtude, a poesia,
A esp'rança, a ventura, o amor;
É o pranto que doce allivia
A minha alma submersa na dor.

O teu nome é thurib'lo sagrado,
Que perfuma meu triste existir;
É um anjo bradando a meu lado,
—Vive, espera, tem fé no porvir.

Coimbra, abril de 1860.

AMELIA JANNY

VARIEDADES

—O mundo será um paraíso quando todas as mulheres forem como devem ser.

Deus creou a mulher e o algodão completou-a.

—No mundo não ha senão duas cousas bellas — as mulheres e as rosas.

—Uma côrte sem mulheres é como um anno sem primavera, e como uma primavera sem rosas.

—Muito mal se tem dicto das mulheres e dos medicos; e comtudo, nem ellas deixam de ser amadas, nem elles de ser consultados.

—As mulheres são capazes de tudo o que nós fazemos; a unica differença que ha entre ellas e nós é que ellas são mais amaveis.

—A mulher, que na realidade quer recusar, contenta-se com dizer — não; — a que se explica deseja que a convençam.

—Em amor, a mulher virtuosa diz « Não » — a apaixonada « Sim » — a caprichosa « Sim e não » a namorada « Nem sim nem não. »

—Os arrebatamentos d'uma mulher indicam sempre muito amor.

—De todas as cousas *eternas*, o amor é a que dura menos.

—Não está em nosso podêr o amar sempre, assim como o não esteve o deixar d'amar.

—O desgosto mata o amor e o esquecimento o enterra.

—O principio e a decadencia do amor fazem-se sentir pelo embaraço em que nos achâmos, quando ficâmos sós.

—A constancia é uma virtude ou um vício, conforme o genero d'amor que a inspira.

NOTICIARIO

AGRADECIMENTO — Recebemos um chistoso folhetim, que um nosso amigo e assignante nos enviou, com o titulo — *Isto cá são cousas*. Não lhe damos hoje publicidade, o que muito sentimos; mas fazel-o-hemos no proximo número; assim como a uma linda poesia, que um nosso amigo se dignou endereçar-nos para o nosso jornalsinho.

OFFERECIMENTO — A commissão academica das exequias pretende offerecer a Sua Magestade El-Rei D. Fernando II um livro contendo a photographia do interior da Sé Cathedral na occasião em que se celebraram os officios funebres por alma do Rei D. Pedro V; o discurso proferido pelo fallecido Monarcha na distribuição dos premios a que elle assistiu em novembro de 1861; e dois artigos escriptos por dois distinctos academicos.

MUSICA NO JARDIM — Hoje de tarde tenciona a philharmonica Conimbricense, ir tocar ao Jardim Botânico, cujo producto das entradas é em beneficio d'um estudante necessitado.

PRESO IMPORTANTE — Deu entrada nas cadeias do Limoeiro o reu Manuel Moraes da Silva Ramos, pronunciado pelo crime de moeda falsa no juizo criminal do Porto. Capturado na Covilhan, encerrado na cadeia de Castello Branco, foi agora removido para a de Lisboa, em attenção á importancia do preso, e á pouca segurança d'aquella prisão.

CRIME HORROROSO — Teve ha dias lugar em Madrid o julgamento de uma causa de morte, cujos pormenores são horribéis. Sem antecedente algum de inimidade nem resentimento, e antes ao contrario havendo harmonia matrimonial, uma noite quando já se achavam deitados, José Maria Mayor e sua mulher Joaquina Fernandes, tendo esta ao peito um filhinho de poucos mezes, levantou-se aquelle, pegou em uma foice e começou a descarregar golpes sobre sua espôsa, sem reparar por onde dava.

A infeliz mãe, tão bruscamente accommettida, que já tinha recebido diferentes feridas e que via em perigo a vida do seu innocente filho, estendeu o braço para o defender, e neste momento um dos golpes de seu aggressor cortou-lhe a mão, e a desventurada Joaquina não pôde livrar a creança nem defender-se a si; então o marido descarregou-lhe um golpe no pescoço, que lhe decepou a cabeça.

José Maria Mayor, depois de ter commettido o crime não sómente o não negou, mas deu-lhe publicidade, encerrando-se em sua casa, e dizendo

que a ninguem abriria a porta a não ser ao alcaide, o qual se apresentou levando-o preso. O reu foi condemnado á morte. O defensor recorreu pela sentença, allegando demencia do reu.

NAVIO INGLEZ — Entrou hontem no Tejo (diz a *Opinião*) a bella fragata ingleza *Warrior*, commandante A. Cochran, vinda de Plymouth em 3 dias.

É toda forrada d' aço e por tanto impenetravel ás ballas. Conduz os supranumerarios da esquadra ingleza da India occidental. É da força de 1:250 cavallos, traz 40 peças montadas e conta 700 tripulantes.

ESTATISTICA — Ha em Madrid (diz o *Commercio do Porto*) 95 boticarios, 193 facultativos, 573 advogados e 64 architectos, todos em exercicio, e 89 confeitarias, 36 livrarias, 47 ourivesarias, 60 lojas de louça e 633 lojas de mercearia.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

ANALYSE DOS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES

Dividida por seus cantos, com observações criticas sobre cada um d'elles, por Jeronymo Soares Barbosa, obra posthuma: edição dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V. — Preço 400 réis.

Vende-se na loja da imprensa da Universidade, e em todas as principaes livrarias.

O SECULO

Este jornal principiou a publicar-se semanalmente no primeiro do anno, porém não sendo possível satisfazer todo o seu programma, por falta de espaço, sahirá duas vezes por semana logo que realise sufficiente numero de assignaturas. Realizadas, será politico, mas a sua divisa será a imparcialidade. Advogará tudo que for d'interesse geral — o commercio, as artes e as industias — estigmatizará os abusos das authoridades civis, militares, ecclesiasticas e judiciais — publicará semanalmente uma chronica estrangeira — um folhetim criticolitterario — e successivamente melhorará quanto seja possível.

Os preços continuam os mesmos. Por anno, franco de porte, para o reino e ilhas 2\$000 rs.

As assignaturas das provincias, para serem attendidas, devem vir acompanhadas do respectivo importe. Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, á redacção do SECULO, rua de S. Miguel n.º 61 — Porto.

FLOR DO MONDEGO

JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

16 de Fevereiro

N.º 7

1862

PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha

Por trimestre..... 240

Por semestre..... 400

Assigna-se, na loja da Imprensa da Universidade. Toda a correspondência, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha. Annuuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Com estampilha

Por trimestre..... 300

Por semestre..... 460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 15 DE FEVEREIRO

EDUCAÇÃO MATERNA

Quando a creança começa a fallar, novos deveres recrescem á mãe, e então se torna importante a sua missão de mesra; porque d'essa primeira educação, que lhe vae dar, depende a sorte futura do discipulo. Raras excepções contestarão os nossos principios; mas porque se tem visto alguns homens com excellentes disposições triumpharem dos obstaculos que a estas se lhes oppunham, e caminharem por estradas que na infancia lhes não haviam sido apontadas, deveremos d'ahi tirar argumentos contra a verdade? — Não; — nem receámos afirmar que os vicios, os defeitos, e até a inhabilidade, nos provém de terem dirigido mal os nossos primeiros passos; que bem cedo as mães lancem no espirito dos filhos sementes de san moral: é preciso, diz Plutarcho, tornear-lhe e afeiçãoar-lhe os costumes; visto que esta idade tenra está apta para receber toda a casta de impressões; e que lhes estamparemos facilmente nos corações tudo o que nos approuver; por este motivo, Platão judiciosamente adverte ás amas que não contem a esmo ás creanças toda a sorte de fabulas, porque lhes recheará as almas de desvários e erradas opiniões. Todo o apreço que se fizer d'estes prudentes conselhos será ainda pouco: defeito, porque vemos tão pouca gente dotada da san razão? porque vemos tantos engenhos corruptos, cujas ideias desdizem umas das outras, e não geram senão erros, e destemperos? É porque ácerca d'elles se não praticaram estes assisados preceitos.

Nem admittimos a desculpa, com que nos viariam, de que é preciso entreter as creanças, e oc-

cupar-lhes a attenção, para os distrahir dos primeiros padecimentos: e que o mais efficaz modo para o alcançar é o empregar taes meios. Erro miseravel é este!... A verdade, ou a mentira, tudo é novidade para a creança; o attractivo que crêdes ella acha nos vossos embustes graciosos, achal-o-ia na verdade, sem ser necessario damnar-lhe a intelligencia. Verdade, e só verdade: eis a unica estrada que se deve seguir: o que dá hombridade ao homem é unicamente objecto da educação.

Não basta que as mães acelerem, por todos os modos, o momento em que possam communicar ideias aos seus filhinhos; não basta fazer com que elles amem a verdade: é necessario creal-os logo como quem tem de viver com os seus semelhantes. Grave erro é acreditar que a infancia não tem aptidão para receber impressões moraes: por mui pouco desinvolvida que esteja a nossa natureza, ha nella um tal sentimento de liberdade e de independencia, que mui cedo percebemos que perderíamos uma e outra, se não as respeitassemos nos outros.

Philosophos houve que pensaram ser o sentimento religioso a fonte da moral: outros houve que assentaram que d'esta provinha aquelle: sem disputar aqui ácerca dos dois systemas, diremos, que o sentimento religioso tarde apparece no homem, em quanto a moral parece que é uma necessidade innata nelle; do que se conclue que é preciso cultivar-lhe este germen cuidadosamente. Nunca seria cedo de mais para as mães trabalharem por afeiçãoar os tenros corações dos filhos, de modo que comprehendam todas as vantagens, que de futuro colherão da moral: a verdadeira educação materna consiste em ensinar-nos que sejámos benevolos para com os nossos simi-

lhantes; que amemos todo o bem, e que respeitemos tudo o que é digno de se respeitar e venerar.

Devem porém ir 'nisto com tento e como quem busca divertir-os, aproveitando todas as circumstancias para d'ellas fazer nascer uma educação fecunda, e guiando a alma das creanças por tal arte, que venham a amar tudo o que póde aperfeiçoal-as. Devem pôr a mira em afastal-as do hábito de se servirem de termos baixos, deshonestos; porque, como dizia Democrito, as palavras são a sombra das obras.

Que havemos de esperar de creanças cuja bôcca se acostuma a servir de termos, que breve lhes corrompem até os melhores sentimentos?

'Nisto fica serrado o primeiro grau de educação materna: com effeito, o infante já sabe exprimir o que sente: não se transviou a sua intelligencia: sans doutrinas alimentaram o seu tenro coração: cresça, que a sociedade não se envergonhará de o ter por membro: mas a cousa não pára aqui: o interesse pessoal o levam a outros estudos, necessarios segundo as nossas instituições politicas: será homem honrado; mas cumpre tambem que seja instruido: 'nestes deveres entra ainda em parte o ensino materno: aqui, começa a instrução que a ella toca dar-lhe.

O que vem a ser instrução? Vem a ser em summa os principios necessarios para em nós se desinvolverem as faculdades da reflexão: o seu alvo é guiar a nossa intelligencia até onde póde chegar. Difficil é, diz Nicole, dar regras geraes ácerca da instrução; porque é necessario proporcional-a aos diferentes graus de luz e trevas, que variam segundo as diversas castas de intendimentos: podemos dizer, que, sendo a instrução das creanças dependente sempre dos sentidos, importa, quanto fôr possível, que se lhes liguem aos sentidos as lições que recebem, e que estas se lhes dêem, não só d'ouvido, mas tambem de vista; porque nenhum sentido ha, que mais vivas impressões produza 'nalma, ou que gere ideias mais claras e distinctas. Accrescentaremos agora, que este ponto é um dos que mais se tem despresado no ensino, e que desassisadamente nos havemos embrenhado por theorias incertas, ao passo que era mais natural e proficuo fazer com que as creanças se instruissem pelos sentidos em tudo o que podessem ser.

De futuro fallaremos ácerca d'esta instrução primária de que as mães devem encarregar-se.

A pedido d'um nosso amigo e assignante, transcrevemos do *Portugal Independente* o seguinte:

«A dor acerba, que punziu o coração de todos os portuguezes, ao saberem da infausta e prematura morte de el-rei o Sr. D. Pedro v, foi indizível... immensa; mal podem traduzil-a os sentidos echos de seus prantos.

«As manifestações de tamanha dor têm sido espontaneas e geraes: de toda a parte, como que á portia, sobem ao Altissimo incessantes rogos pelo eterno descanso da alma d'este monarcha illustrado, protector zeloso das sciencias e das artes, e *amigo sincero dos que trabalham.*

«Neste justo sentimento não podia deixar de tomar parte a antiga villa de Atouguia da Baleia, a qual tambem pagou o devido tributo de suas lagrimas e orações nas solemnes exequias alli celebradas no dia 19 de Dezembro último.

«Eis o que a tal respeito se lê no *Districto de Leiria* do 1.º do corrente:

«A irmandade do Sanctissimo Sacramento da freguezia de S. Leonardo d'esta villa, determinou fazer exequias solemnes pelo eterno descanso da alma do sr. D. Pedro v.

«Effectivamente no dia 19 de Dezembro do proximo passado anno teve logar esta solemnidade, com uma pompa que excedeu todas as esperanças, attenta a escassez dos recursos.

«Sublime foi o quadro!

«Todas as estradas e avenidas estavam povoadas; todos corriam á portia ao templo; não havia distancias, não havia pertinaz inverno que lhes afastasse o proposito: orar, e orar com fervor era o seu unico intuito.

«Todos se agglomeraram em tórno do sumptuoso e elegante catafalco; centenares de lumes o esclareciam, fazendo reflectir o resplendor das insignias reaes.

«Era um cortejo espontaneo, impellido por um sentimento tão nobre quanto sincero.

«Era a verdadeira homenagem ás excelsas virtudes do regio finado.

«A igreja, que é vasta e magestosa pelos gostos godo e arabe que transmite, estava armada o melhor possível, mais pelo gôsto, que pela riqueza; mas o fausto e a opulencia nem sempre é o melhor transmissor das profundas sensações d'um povo de heroes.»

«Ao que fica extractado do excellente artigo do sr. Arez, cumpre-nos accrescentar a descripção de uma das scenas mais patheticas, que tiveram logar 'nesta lugubre solemnidade, e que nos maravilhou não vemos alli mencionada.»

B.
(Continúa.)

O MEU ANJO

Mas que importa se o meu anjo
Na terra não tem rival?

L. A. PALMEIRIM

Quando eu era pequenina,
A minha mãe me dizia:
«Deus a todos dá um anjo
Para nos servir de guia».

— Ia crescendo e pensando
No lindo anjo do Senhor;
E em sonhos... vi-o tão bello!!...
Que cheguei a ter-lhe amor.

E vivia assim ditosa,
Sem me importar de ninguém;
Só adorando o meu anjo,
Os sonhos... e Deus também.

Mas numa noite dormindo
— Noite... ai!... de duro penar!... —
Eu o vi descer do ceu,
E em meu leito recostar.

Vinha triste e pensativo;
O que bem me contristou:
Ia sorrir-lhe caricias,
Quando o anjo me fallou:

«Teus carinhos e meiguices
Eu não posso já gozar,
Olha, no mundo outro anjo
Deus te dêa para amar.

«É um ente puro e bello,
Para quem só viverás:
Eu t'o deixo; Deus t'o manda
E formoso o encontrarás».

Disse, e vibrando suas azas
Mais bellas, que um ceu d'anil,
Sumiu-se entre as nuvens o anjo,
Perfeito typo gentil!

Em vez d'elle outro formoso
Juncto a mim appar'cia:
Sua figura celeste
Meu coração attrahia.

Os seus olhos me enleavam,
Ledos em mim os fitou;
E sorrindo-se fagueiro
Ao meu peito se estreitou.

Quiz perguntar-lhe o motivo,
Que o forçava alli ficar
Mas, acordando... fugiu-me
A visão p'ra mim sem par.

II

E eu pensava no sonho que tive
E chimera o julguei na razão,
Mas esp'rando, que o Anjo de Deus
Me explicasse esse sonho, ou visão.

Mas embalde! que já muito tempo
Tem volvido sem me apparecer
O meu anjo gentil... Só me resta
Encontrar o que m'o fez perder.

Se eu o visse assim bello no mundo,
Como o vi' nesse sonho fatal,
Queria amal-o com toda a minha alma,
Como o archanjo, que amei, divinal.

III

Tenho visto olhos tão bellos,
Que os seus me fazem lembrar;
Até já vi uns tão lindos,
Que quasi os cheguei a amar.

Tenho visto alguns sorrisos
Innocentes como o seu;
Mas suas graças divinas,
A um só as deu o ceu.

Mas — em ti — vejo seus olhos,
E o seu sorriso também;
Inda mais... as suas graças,
As quaes não possui alguem.

Se por ventura és o ente,
Que — um anjo — me fez prever,
Não me deixes só no mundo,
Sem ti não posso viver.

F. Amelia Soares.

A NOITE

Cependant la nuit marche, et sur l'abime immense
Tous ces mondes flottants gravitent en silence.

LAMARTINE.

Como te amo, ó meiga noite,
Involvida em negro veu,
Occultando assim vaidosa
A brilhante luz do ceu!
Mais que o dia tu és bella,
Tens um sol em cada estrella
Realçando o manto teu!

Quando o dia já declina
Que prazer que eu experimento!
Quando então com teu vagar
Vens cobrindo o firmamento;
E quando sobre um raminho,
A trinar doce papinho,
Sauda teu chegamento!

O fallaz mundo mesquinho
Passa e ri do meu pensar!
Maguas fundas, peito triste,
Sabe tudo desprezar!
Não tem alma caridosa,
Nem ha' nelle mão bondosa,
Que o pranto saiba enxugar!

Mas, ó noite, oppresso e triste
Desgraçado trovador,
Em teu seio, livre póde
Curso dar á sua dor,
Porque tu não te sorris,
Não zombas do infeliz,
Que te narra o seu amor!

Se tal como foi David,
Poeta fôsse eu fadado,
Não vibrára a minha lyra,
Nada tivera louvado,
Sem que tua poesia,
Teu podêr, tua magia,
Podesse ter exaltado!

1860 Teixeira Spinola.

VARIEDADES

A economia dos chins

A economia dos chins chega a ser ayareza: tiram os vestidos quando jogam a pancada, porque, dizem elles, é melhor receber um buraco no corpo, que tem remedio, do que no fato, que não tem cura.

— Os amantes costumam continuar muito tempo a verem-se por hábito, e dizerem com a bôcca que se amam, quando as maneiras não deixam de dizer o contrario.

— Ao pé de certos homens, a belleza d'uma mulher é avaliada pela grossura dos diamantes que a adornam.

— Todas as mulheres exigem que os seus amantes lhes jurem uma constancia eterna; para muitas seria bem infadonho que todos elles sustentassem o seu juramento.

NOTICIARIO

TYPHOS EM CANTANHEDE — A ser verdade o que nos têm dicto pessoas vindas d'aquella localidade, de quem temos tirado as melhores informações, o estado sanitario naquella povoação é o mais grave possivel: só em um dia d'esta semana tinha sahido o Sagrado Viatico a cinco enfermos.

Já é grande o número dos que têm sido victimas de tão fatal epidemia: e sel-o-ia muito maior se não fôsse o zelo e caridade que tanto caracteriza o seu digno parochó, o sr. Antonio Maria Ferrão Castello Branco, que, auxiliado por outros caritativos e honrados cavalheiros, deu a iniciativa de promover uma subscrição para socorrer os pobres, a quem a epidemia atacára. O sr. administrador d'aquelle concelho, nomeou uma commissão sob a presidencia do digno parochó para o mesmo fim.

O sr. governador civil d'este districto tambem já nomeou uma commissão composta de quatro medicos e lentes da universidade, a fim de resolverem o que achassem mais conveniente para combater tão terrivel flagello.

THEATRO RECREIO JUVENIL — Foi ha pouco, nesta cidade, realisada uma nova sociedade composta de cinco academicos e dois artistas. No domingo último houve a primeira récita neste theatro; em que subiu á scena as seguintes comedias: *As duas bengalas* — *A mulher dos dois maridos* — *O frenezim das senhoras*. A récita correu regular, dando desconto a alguns jovens actores que foi a primeira occasião que tiveram para fazer patente ao público os seus trabalhos dramaticos.

Este theatro não é público; e só se levou a effeito para desinvolvimento e recreio dos socios; os bilhetes são distribuidos *gratis* pelas familias e pessoas de sua amizade.

FLOR DO MONDEGO

JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

23 de Fevereiro

N.º 8

1862

PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha

Por trimestre..... 240
Por semestre..... 400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.

Toda a correspondencia, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha.
Anuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Com estampilha

Por trimestre..... 300
Por semestre..... 460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 22 DE FEVEREIRO

DA EDUCAÇÃO PHYSICA

I

O objecto da educação é o desinvolver e cultivar todas as faculdades do homem, por tal arte que venham a preencher o fim para que a natureza nol-as concedeu.

Podem-se distinguir as faculdades humanas em tres classes, a saber: physicas, intellectuaes, e moraes, e dividir-se, portanto, a educação em tres ramos: educação physica, educação da intelligencia, e educação moral.

Consiste a educação physica em dar ao corpo todo o desinvolvimento, fôrça e agilidade, de que é susceptível, e considerando-o depois como órgão da alma, aperfeiçoal-o, por este motivo o mais que fôr possível: porque, em verdade, não é dos interesses do corpo sómente que se tracta na educação physica; mas tambem vantagens para o espirito nella se buscam. Os progressos da intelligencia e o desinvolvimento da sensibilidade dependem, em grande parte, de influencias physicas.

Tem-se visto almas fortes e puras habitar corpos debeis e frageis: mas, por via de regra, a organização viciosa e a saude quebrada empedem e perturbam os trabalhos do espirito e imprimem nos sentimentos íntimos um sêllo de corrupção. E pois de grandissima importancia que se ponham todos os meios para fortificar e tornar sadia a constituição das creanças. O gôsto da vida laboriosa, e a capacidade do homem para se dar a ella, raramente se poderão encontrar, sem esta principal condição; e como as classes populares vivem em geral dos recursos da sua industria, seria atraçoar-lhe os interesses vitaes, se menosprezassemos curar da sua educação physica.

Para assisadamente dirigir esta, e guerrear com proveito os funestos habitos, que a ignorancia e as usanças arreigadas ainda contrapõem á razão e experiencia, cumpre que as pessoas encarregadas da educação da infancia possuam noções de anatomia, de physiologia e de hygiene popular.

A anotomia, dando-nos a conhecer a estrutura do corpo humano, e o uso, delicadeza e importancia de cada órgão; a physiologia, explicando as funcções, harmonia e desinvolvimento — d'estes órgãos, a hygiene, indicando os meios de os conservar robustos e saudaveis, nos ministram instrucções preciosas, que nenhum homem bem educado deve de ora em diante ignorar. Têm-se posto de parte semelhantes estudos e tracta-se com desprezo a educação physica, porque se considera o corpo como fonte de todos os vicios, e olhâmos os nossos órgãos como instrumentos da corrupção do espirito. Falsissimos preconceitos são estes, dos quaes devemos fugir; pois a boa razão e a sciencia nos ensinam que a alma rege o corpo, e quanto mais se examina a estrutura do homem, mais descobrimos ser o corpo humano admiravel ainda, comparado com as mais bellas creações do universo sensível.

Quanto á physiologia e anatomia que é necessario geralmente saber, isto é que tem uma applicação domestica e popular, daremos d'ellas noções em outro lugar, passando agora a fallar d'aquella parte da hygiene, que importa immediatamente á educação physica da infancia. Consiste ella na dietetica, ou modo de nos alimentar, na temperatura da atmosphera, no ar e na luz, no aceio, nos meios de prevenir as doenças contagiosas, nas horas da vigilia e do somno, do repouso e do trabalho, na escolha das posi-

ções do corpo, e finalmente em toda a maneira de exercício gymnasticos.

Promettemos, para satisfazer aos desejos de nossos assignantes, reproduzir tudo quanto encontrarmos de melhor, e que seja de instrucção e recreio. Como o espirito de classe se desinvolve e a ideia humanitaria e civilisadora das associações, que 'nesta cidade, vão tomando os mais beneficos resultados, progride com afan e desvelo, não podemos deixar de transcrever, com a devida venia, do *Jornal dos Artistas*, o artigo seguinte, que convida ao progresso as classes operárias debaixo da epigrapha de

FINS DAS ASSOCIAÇÕES DOS ARTISTAS

Que triste sorte é do pobre artista, que trabalha e mata seu corpo, para receber no fim da semana uma fêria, que muitas vezes mal chega para se alimentar a si e a sua propria familia!

Pobre é o artista que trabalha toda a sua vida para comer um bocado de pão, sem passar por algum vexame!

O artista muitas vezes deixa de satisfazer ás suas necessidades e de sua familia, por causa da mesquinhez do seu salario; trabalha incessantemente para economisar algum dinheiro, mas muitas vezes gasta-o com prejuizo seu e de sua familia, e não se lembra que pôde chegar a uma idade avançada que o prive do trabalho, tendo por assim dizer de mendigar uma esmolla de porta em porta, sem muitas vezes nada adquirir para saciar a fome a si, a sua espôsa, e a seus innocentes filhos!

Não será pois possivel remediar a sorte do artista?

Não haverá um meio com que elle possa viver com mais satisfação e com menos sacrificio, não se vendo desamparado durante a doença ou a velhice? Ha: mas qual? ... A associação. Então porque não se associam os artistas que ainda o não estão? Porventura, as associações de soccorros não têm valido a tantos milhares d'infelizes, soccorrendo-os, a trôco d'uma insignificante quantia que elles dão semanalmente?

O artista deve possuir sentimentos nobres para poder partilhar d'estas vantagens nos infortunios da vida, e practicar boas acções para ser estimado e respeitado na sociedade, despresando todos os vicios que lhes possam ser prejudiciaes á saude, entregando-se ao santo principio da Associação, pelo que necessariamente ha de vir a ser bemquisto, não prejudicando de fórma alguma os seus interesses pelo amor proprio que lhes dedicar.

Convencido está já o artista associado, que, durante a sua enfermidade, lhe não faltam os soccorros precisos para o seu restabelecimento, e por essa razão pedimos para que cada membro da Associação seja o seu sustentaculo, concorrendo todos com as suas forças para o bem-estar d'ellas, acabando-se por uma vez com as desintelligencias e rivalidades que a cada momento apparecem, que só servem muitas vezes para ver se podem destruir o que tanto custou a conseguir. Unam-se todos como irmãos, não só no trabalho como na lide social, abençoando os que primeiro arvoraram a bandeira da liberdade social, e que á custa de tantos sacrificios e fadigas, a tem propagado para o bem geral dos artistas.

M. M. S.

A pedido de um nosso amigo e assignante, transcrevemos do *Portugal Independente* o seguinte, continuado já do numero antecedente:

A dar-se comêço aos officios: eis que inexperadamente entram no templo incorporados, em numero de 42, e presididos pelo seu digno professor, os alumnos de instrucção primária, levando na sua frente um d'elles, a bandeira nacional, coberta de negro crepe, com a legenda — I. P. em Atouguia da Baleia — e outro, 'numa salva, uma coroa de perpétuas, que um sacerdote foi collocar juncto da elevada eça, como homenagem de gratidão prestada ao magnanimo rei, que tanto protegêra e animára a instrucção da mocidade.

Este acto suprehendeu e encheu de assombro a immensa multidão que o presenciou; e a religiosa attenção, que se notára em alumnos de tão verdes annos, por espaço de mais de quatro horas, que durou a lugubre funcção, excitou a admiração de todos.

Bem haja o nosso patricio e particular amigo, o sr. Dionysio Roberto Quaresma, que assim contribuiu para realçar a pompa de um acto tão solemne, plantando ao mesmo tempo nos tenros corações de seus discipulos os elevados sentimentos de amor da patria, e de adhesão á real familia.

Coimbra, justamente orgulhosa, ufana-se de que seus filhos, em toda a parte, se distingam por acções nobres, que os honram a si proprios, e á patria que lhes deu o ser.

Seríamos injustos se não mencionassemos tambem aqui os relevantes serviços prestados pelo rev.º sr. D. Sebastião Martyr, o qual gratuitamente se encarregou da direcção da armação do templo; de todo o cerimonial durante o officio; e da oração funebre, que recitou em estylo tão elegante e pathetico, que fez brotar copiosas lagrimas a todo o auditorio que, commovido, o escutava.

É igualmente justo, que fiquem aqui registrados os nomes do muito rev.º prior, o sr. dr. Francisco de Carvalho, e do thesoureiro da confraria, o sr. Manuel

VARIÉADES

Maximas de Franklin

Franklin tinha por norma do seu procedimento as treze maximas seguintes; e é vulgarmente sabido que este philosopho foi um homem, da moderna Europa, mais celebre por suas virtudes.

Temperança.—Em occasião nenhuma comas por tal modo que chegues a sentir-te incommodado; nem bebas a ponto de perder a razão.

Silêncio.—Não falles senão em materias de que possas tu ou possam os outros colher utilidade: evita quanto poderes as conversações frivolas.

Ordem.—Dá a cada coisa lugar certo: a cada negocio tempo determinado.

Resolução.—Quando tomares resolução acerca de qualquer coisa, toma-a firmemente e por uma vez; e nunca faltes ás tuas promessas.

Economia.—Não gastes o teu dinheiro senão em cousas de utilidade tua ou alheia; isto é, goza mas não desperdices.

Trabalho.—Não percas o tempo: occupa-te sempre em alguma coisa util: abstem-te de qualquer acção desnecessaria.

Sinceridade.—Evita os subterfugios: pensa sempre com innocencia e justiça, e diz sempre o que pensas.

Justiça.—Não offendas a ninguém, não só evitando-lhe qualquer damno, mas fazendo-lhe o bem que poderes.

Moderação.—Foge dos extremos; isto é, usa, mas não abuses: sente o bem e o mal conforme a tua razão te disser que elles o merecem.

Aceio.—Não desprezes a obrigação que tens de cuidar na conservação de limpeza e arranjo do teu corpo, casa e vestuario.

Continencia.—Abstem-te do excesso nos prazeres sensuaes.

Humildade.—Toma por modelo d'esta virtude a Christo e a Socrates.

A medicina.—Que doente ha ahí que se atreva a pôr dúvida aos medicos?—

Riem-se d'elles, mettem-os a bulha, fartam-os de epigrammas e de improperios; todos se fazem valentões em saude, e sobre tudo diante de muita gente. O medico, porém, vingá-se á cabeceira da cama, e em particular: decide, receita, mata; o doente humilha-se, obedece e morre.—*Pigault Lebrun.*

Ha gente que toma tanto trabalho para fingir que só tracta do bem público, que lhe seria muitissimo mais facil tractar realmente d'elle.—*J. B. Say.*

Antonio Monteiro, pelos esforços que empregaram para tornar este acto o mais apparatuso possível.

Mil louvores a todos os que assim contribuiram, para o esplendor de um acto, que attesta, quanto tem sido doloroso o sentimento pela perda do excelso monarcha, a quem tão sinceramente choramos!

DESENGANO

A. A. G.

Menti ó virgem, quando nos teus braços
Em doces laços me deixei ligar;
Em mim sómente leve sympathia,
Por ti sentia— não te sube amar!

E mal dissera acreditaste logo,
Que ingente fogo me abrasava aqui!
Tu foste facil em crer, donzella,
O amor, ó bella, nunca nasce assi.

E' nessa noite, que tão negra estava,
Que te assustava, cousas que dicemos!
E quanto tempo, no jardim fugidos,
Loucos, perdidos, lá nos esquecemos!

Ai! quantas horas eu passei ditoso!
Que doce gozo me fizeste achar:
'Nessa mão bella que me abandonavas,
Que me deixavas sem temor beijar!

E quando junctos em profundo anheló,
Do peito bello tu rasgas-te o veu,
Pois inspirar-me crendo assim amor,
Que então me d'este... tu me abris-te o ceu.

Ah! não devêra consentir-te o pejo
Lascivo heijo sobre o niveo seio!
Pois crendo assim fazer sentir amor
Foi teu penhor o que perder-te veio!

Tu não sabias que ao peito humano
Trabalho insano tanto mais o rende?!
Se por ventura em alcançar insistes
Se ella presiste mais a si o prende?!

Mas crê, donzella, que me resta ainda
Saudade infinda do prazer d'outr'ora,
Se de gozar igual não tenho esperança,
Tenho a lembrança de que vivo agora!!

Teixeira Spínola.

NOTICIARIO

TRANSFERENCIA DA CORTE. — El-Rei o sr. D. Luiz vae mudal-a de Caxias para Pedroços, para o palacio que habitou o sr. Duque da Terceira.

THEATRO. — Houve no dia 15 d'este mez theatro Academico; levaram á scena o drama — *Maria de Sousa*, e a comedia — *Metta-se lá com a sua vida*.

CARDEAL PATRIARCHA. — Diz-se que este prelado vae resignar o seu logar.

BASAR — Teve logar no Domingo no salão do theatro Academico em beneficio do Asylo da Infancia Desvalida.

CHEIA. — As muitas chuvas que cahiram no dia 19, deram lugar a que o Mondego se eleva-se bastante, invadindo a cidade baixa.

AUDIENCIAS GERAES. — Teve logar no dia 18 d'este mez a abertura das audiencias geraes do primeiro quartel d'este anno, e no dia seguinte foram julgados pela segunda vez, os réus, que fizeram o roubo ás freias de Lorrvão. O jury deu por provado todos os quesitos, e em consequencia d'isto tiveram a pena de degredo por 15 annos.

FALLECIMENTO. — Falleceu em Tentugal o sr Padre Tavares, porocho d'aquella freguezia. Dizemnos que é uma das melhores egrejas do bispado.

CARIDADE — Um anonymo acaba de mandar dar a esmola de 400\$000 réis á veneravel Ordem Terceira d'esta cidade, com applicação do rendimento do dicto capital á manutencção do hospital da mesma ordem. O definitorio acceitou a esmola, e mandou logo lavar um voto de agradecimento áquelle generoso bemfeitor, declarando que sentia não saber o nome do mesmo para o fazer público e para mandar collocar o seu retrato entre os dos demais bemfeitores. Sabemos que a mesma caridosa pessoa mandou entregar outros 400\$000 réis ao hospital da Conceição, e 200\$000 réis ao asylo da infancia desvalida.

QUE FRIO! — O presente inverno é rigorosissimo na Russia. Quasi todos os dias apparecem cadaveres gelados sôbre a neve. Conta-se entre outros casos que uma carroagem chegára de Cronstad com o cocheiro e tres viajantes mortos de frio. Os cavallos por instincto tinham conduzido as desgraçadas victimas até á porta da sua casa. Até as pedras se resentem; tem-se descoberto gretas na columna de Alexandre construida de granito vermelho.

SUICIDIOS — O termo medio dos suicidios em França, segundo diz a *Revolução de Setembro*, é de dez a onze por dia: 3:800 por anno. Neste número encontrâmos 812 mulheres por 3:057 homens, suicidaram-se 16 jovens, d'entre elles, 9 de

15 annos, 3 de 14, 2 de 13, e 2 de 11; 19 octogenarios, entre os quaes contâmos 38 homens e 11 mulheres. O periodo da vida mais fecundo em suicidios é o de 40 a 60 annos. Os mezes mais funestos são: abril, maio, junho, e julho. Em quanto aos meios empregados, publica o collega francez a seguinte tabuada:

Suicidados por estrangulação.....	2:833
» por asfixia.....	271
» fuzil.....	206
» pistola.....	189
» instrumentos cortantes.....	153
» precipitando-se d'uma altura.....	110
» veneno.....	93

Faltam 44 suicidas, cujo genero de morte não está especificado.

DECLARAÇÃO

Summamente penhorado pelo apreço e acatamento que se tem dado aos nossos mal alinhados escriptos, nos achâmos compremettidos para com a redacção da *Flor do Mondego*.

« Se tivermos alguma vez de ser censurados, é unicamente por sermos uma nullidade na sociedade, e quereremos á fôrça de trabalho e sacrificios, procurar um meio, aliás decente, de nos entreter, e de nos instruir nas horas que nos ficam vagas dos nossos affazeres, para não empregarmos o tempo na ociosidade, que é a mãe do vicio e do crime; etc. etc.» (*Flor do Mondego*, n.º 2).

Nós estamos pelas mesmas razões.— Não pertencemos a algum gremio politico, já se vê, que em quanto a partidos somos neutraes. A nossa devisa é unicamente amarmos a lei de Jesus Christo, e amarmos o Rei e a Patria!

É o nosso dever.

M.***

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANALYSE DOS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES

Dividida por seus cantos, com observações criticas sôbre cada um d'elles, por Jeronymo Soares Barbosa, obra posthuma: edição dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V. — Preço 400 réis.

Vende-se na loja da imprensa da Universidade, e em todas as principaes livrarias.

FLOR DO MONDEGO

JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

2 de Março

N.º 9

1862

PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha

Por trimestre..... 240
Por semestre..... 400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.
Toda a correspondência, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha.
Annuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Com estampilha

Por trimestre..... 300
Por semestre..... 460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 1 DE MARÇO

DA EDUCAÇÃO PHYSICA

II

Quanto aos alimentos, bom seria que os peitos maternos fôsem para o infante recém-nascido e nos primeiros mezes da sua existencia, a unica fonte da conservação da vida; porque maus resultados phisicos e moraes podem porvir da alimentação comprada a amas mercenarias. Não entra, comtudo, em conta dos deveres maternos o sacrificar a existencia para cumprir uma obrigação que o é só, emquanto moralmente é possível. Depois do sustento primitivo, a melhor alimentação, em qualquer epocha da vida, será sempre a que for mais simples, sendo ao mesmo tempo a hora da refeição regular. O mais que 'neste logar poderíamos dizer ácerca dos alimentos, o guardámos para quando especialmente fallarmos da hygiene popular.

Os edificios destinados para escholal ou collegios devem ser voltados ao poente, tomando as necessarias precauções para quebrar a força do sol nos mezes calmosos. Cumpre que estes edificios sejam collocados em alturas, onde o sópro dos ventos possa renovar facilmente a atmospha, e construidos de modo que a humidade os não torne insalubres, e que ao mesmo tempo recebam o ar e a luz em torrentes, por meio de janellas espaçosas. Nas escholal onde se reúnem muitos individuos, o ar se está viciando continuamente e por isso continuamente deve ser renovado.

O desaceio é uma das primeiras causas de corrupção atmospherica, pelo que é necessario vigiar muito as creanças a este respeito. Na idade infantil, o homem não tende para ser aceiado,

nem para deixar de o ser, e a educação é que o faz seguir um ou outro caminho.

Habituaos á limpeza, as creanças a amarão constantemente na vida. Deve-se cuidar 'nesta parte da sua educação por tal arte, que se lhes vigie constantemente a limpeza dos vestuarios, dos habitos da vida commum, e das pessoas, sem que pareça querel-os constringer ao aceio; porque aliás serão limpos, não por gosto, mas só por costume, o qual póde facilmente perder-se.

As horas do somno e de repouso cumpre sejam regulares, e proporcionadas á idade e forças das creanças. Na juventude ou virilidade póde o homem variar o tempo de repouso, e encontrar-lhe ou prolongar-lhe a duração, sem que d'ahi resulte damno sensivel para a saude, como a experiencia nos mostra; porém na infancia não acontece o mesmo, e sôbre tudo, quando assim não fôsse, bastaria a razão de que 'nesta epocha da vida é sempre damno o hábito da irregularidade.

EDUCAÇÃO POPULAR

Não vivemos 'nesses paizes muito longiquos e selvagens, aonde a lei do paganismo assenta sua pedra eminentemente pagan; aonde pertende sustentar apostasia d'um imperio immoral, admitindo para isto as creanças do protestantismo e do exicio — para logo renegar a lei do cruxificado — não!... não vivemos ahi — habitámos um outro paiz — o paiz que no seu modo de viver, se aproxima da norma do evangelho e da sciencia. É d'este de quem nos vamos occupar, e não d'aquelle, porque o deixámos á sua bem triste prostituição.

Partindo, pois, d'estes principios vamos de va-

gar (se bem que de passagem) por um campo verdadeiramente justo, e que é o mais ameno de todos os jardins, aonde as variadas flores, rivalisam em encantos e bellezas com as mais apri-moradas joias de diamantino brilho. Este campo é o da educação.

Portugal, invejado por todas as nações, floresce sempre nos auspiciosos e verdadeiros principios da magnificencia, que é a salva-guarda d'um povo tão docil como o nosso; é o anjo querido da immortalidade. É, pois, em o nosso Portugal que se acham mais adiantados os principios do Christianismo, assim como tambem no que diz respeito á educação popular, mas ainda assim, não estão completos. Nações ha que tem mais superabundancia de ouro de que nós!... mas que?... de que vale?...

É só ao idolo que adoram, como se isto valesse a exacção das verdadeiras crenças, e não se passa d'uma reconhecida superstição.

Em Portugal tudo podia correr como na verdade devia correr, mas, infelizmente, nem sempre assim acontece, para completar o grande fim em que todos nos achámos empenhados: — a *educação popular*. Pela educação chega-se á civilização, e por esta ao amor do trabalho.

Não levaremos, por certo, tão longe a nossa escripta, colorindo o quadro com tão finos traços como é nossa vontade, porque confessámos, são debeis, mui debeis, as nossas forças para tal alto desempenho.

Se olhamos, porém, a educação em o nosso paiz pela parte social, e como homens, amigos que somos da sociedade, regraremos essa educação pelo interesse da comunidade, e mais abaixo exporemos á vista a precisão de formar o homem para os outros homens, ou por outra, explicando-nos ainda — a conveniencia que ha entre nós, prestando-se-nos logo desde os tenros annos o contingente de cuidados e trabalho, apontando-se-nos para os fructos que se colhem da civilização e instrucção. Esta educação é, portanto, baseada no bem commum, e a educação fraternal, é seguramente aquella que o evangelho nos ensina: — «creou o homem para os homens; faz-se-lhe co-nhecer a reciprocidade dos serviços, e a obrigação de trabalhar.»

Podemos sem dúvida dar a isto um nome verdadeiramente grandiloquo — uma nação que superabunda em illustração.

Se pertendessemos ramificar nossas vistas mais longe, entrariamos pelos povos aldeões, em que

se presumisse haver menos civilização — a civilização numa aldeia e mesmo ahí encontrariamos não menos educação. Nas pequenas populações não se encontram ociosidades — todos trabalham.

Embora se nos dissesse que na aldeia não se encontram muitas noções elementares, que nós lhe responderiamos que se se não encontra esta illustração, existe pelo menos uma boa e bem educada creação. Logo desde pequeninos os instruem nas maximas da nossa religião, chegando ao uso da razão. Se os paes, não podem dar-lhes (aos filhos) aquella elevada instrução elemental, subministram-lhe o caminho para o progresso. — Este caminho tambem nos parece o da educação popular. Ainda mais:

Na aldeia sabem o que é preciso fazer para a educação e para o progresso: e não se invejam os eguaes costumes das grandes populações. Nas grandes cidades ha muita civilização, instruem-se os homens nas sciencias e artes, e respeitam-se as crenças do christianismo. Nas villas ou pequenas populações todos são laboriosos, lida-se successivamente na agricultura, caminha-se a largos passos para o progresso, e com muita especialidade, se respeita a bemdicta lei de Jesus Christo.

Continuaremos.

M.***

O SOLDADO

I

Trabalhar é missão da humanidade,

Impoz-lh'a o Creador:

O cunho ella tem pois da dignidade

Vinda de Vós, Senhor!

Nem lhe impunha a Vossa mão poderosa

Condição que lhe fôsse deshonrosa

Trabalha, disse Deus ao homem, rega

Com teu suor o chão;

E elle nasce e da vida ao termo chega

Assim comendo o pão:

Por lei divina foi ao homem posto

Que p'ra colher o pão banhasse o rosto,

Sobre a terra vereis soando em bagas

Curvado agricultor;

E do nauta sulcando irosas vagas

Lá escorre o suor:

O artista não se exime d'esse humano

Tributo para o pão quotidiano.

Se o do servo não é mais amargoso,

Tambem menos não sei

Ter mais ou menos é forçoso

P'ra de todos, é de lei.

É que o pão é de todos amargado,

Porém de ninguem mais que do Soldado.

II
 Do soldado é muito amargo
 Negro e triste o pobre pão,
 Duro e grave é seu encargo
 E de muita abnegação;
 Gozam todos liberdade,
 Elle só não tem vontade,
 Parte... fica... sem fallar.
 Regar a todos é dado
 Com'agua a terra, o soldado
 Com seu sangue a vae regar.

Esse tributo pesado
 É partilha d'elle só;
 Da honra ao campo chamado
 Lá fica mordendo o pó!
 Sem restar d'elle memoria
 Sem haver honra nem gloria
 Muitas vezes, nem dever,
 Lá vae o pobre soldado
 Ser innocente immolado
 E assassinos fazer!

Quando a honra é defendida—
 E se defende a Nação;
 Quando assim se perde a vida
 Sustentando esse pendão;
 Quando a patria, a liberdade
 Se defende, na verdade,
 Morrer não, não custa assim:
 O soldado, então mui nobre,
 Se esqueceu de ser tão pobre
 Do seu pão ser tão ruim.

Sem fallar porêm na guerra,
 Mas ainda mesmo, na paz,
 O soldado á sua terra,
 Que serviços, que não faz!
 Em toda a parte onde ha p'riço
 Não pôde buscar abrigo
 Como os seus concidadãos,
 Sempre prompto, prompto morre,
 Ha peste? lá vae, lá corre
 A defender seus irmãos.

É a ordem perturbada,
 Ha risco de lá entrar?
 Vae, marchou, não temo nada,
 Vae a ordem sustentar.
 De incendio signal é dado?
 Lá correndo accelerado
 O soldado encontrareis,
 E alli o fogo apagando,
 Ou dois roubos evitando,
 Servidor, fiel vereis.

Vel-o-heis sempre occupado
 Dia e noite em vos guardar;

Quando vós bem socegados
 Ides então repousar
 Quanta vez elle não ha de
 Affrontar a tempestade,
 Quanta vez, sem murmurar!
 Muitos dizem ociosa
 Essa vida, ser de rosa...
 Mas não a querem gozar.

Pede a lei, a sociedade
 D'algun crime a punição?
 Inda o soldado é quem ha de
 Prender, seguir seu irmão:
 Mantendo a força aos juizes
 Contra áquelles infelizes
 Eil-o ahí em pró da lei,
 Soffrendo sempre calado,
 Servidor tão mal fadado,
 Outro haver, não ha, não sei.

III

Não choreis do soldado a triste paga
 Que lhe daes,
 Sua vida, menos sua, incerta e vaga
 Vale mais

Essa paga dar não pôde o alimento
 D'elle só;
 E da esposa e filhinhos... que tormento
 Tende dó,

Que o soldado homem não seja, é loucura,
 Não tenteis;
 Do Creador não é dado á creatura
 Calcar leis.

Ah! d'ahi só viria á sociedade
 Grande mal,
 De que muito se sentia a orphandade
 E a moral!

O soldado não é um vosso escravo
 Mas irmão,
 Não negueis o que se deve a esse bravo,
 Dai-lhe o pão.

D'egual mãe filhos, grande e pequenos
 Deus nos fez
 Do que vós o soldado não é menos
 Portuguez!

Angra do Heroismo, janeiro de 1862. — E. de C. Beltrão. (Extrahido do Portugal Independente.)



NECROLOGIO

A patria acaba de perder um de seus dedicados filhos; a Universidade um de seus bellos

ornamentos; e nós perdemos para sempre um protector desvelado, um bemfeitor sem igual!...

O ex.^{mo} sr. Thomaz d'Aquino de Carvalho, conselheiro, lente de mathematica e par do reino, falleceu no dia 22 de fevereiro.

A morte, zombando dos desvelos da familia, e dos soccorros da arte, arrebatou um cidadão prestante, probo e intelligente; uma alma ingenua, franca e caritativa, que muitas vezes dulcificou nossas amarguras, encaminhandó-nos na primeira quadra da nossa vida, sem d'úvida, a mais perigosa, para que não soçobrassemos neste mundo de enganos.

Chorámos a perda de nosso protector e amigo; e a acerba dor que nos devora não nos permite dar expansão ao sentimento que nos compunge.

Descance em paz a alma do nosso patrono e bemfeitor, e se nossas humildes preces forem ouvidas do Omnipotente, receberá elle no Ceu a recompensa das esmolos que nos offertou na terra.

Coimbra, 26 de fevereiro de 1862.

Ilydio dos Sanctos.

VARIEDADES

Houve tempo em que os tribunaes da Europa fulminaram sentenças contra animaes accusados de certos delictos. Tão monstruoso pareceu ás gerações um similhante abuso da justiça que lhe não quizeram dar credito. Os seguintes casos provam porém o facto.

Toupeiras e lagartos excommungados pelo bispo de Laon (Saint Foix), em 1120.

Porca mutilada e depois enforcada, por sentença do juizo de Falayse em 1336, por ter matado uma creança.

Em 1394, porco enforcado, por haver matado uma creança na parochia de Romaigne viscondado do Mortaing.

Um gallo condemnado a ser queimado vivo, em 1474, em virtude de sentença preferida pelo magistrado de Bale, por ter posto um ovo.

Em 1499, touro condemnado á fôrca em virtude de sentença do Bailio da Abbadia de Beaupré, por ter matado um mancebo.

Sanguesugas excommungadas pelo bispo de Lousana, porque destruíam os peixes, em 1554.

Maravilhas

O condestavel D. Nuno Alvares Pereira, já velho, conyersando acerca de cousas de guerra, com alguns cavalleiros, e encostado a uma janella do convento,

que dava para o Rocio, houve entre elles quem dissesse, que, se Portugal tivesse algum rompimento com Castella, elle assim quebrado de forças não poderia já alcançar tantos castelhanos como d'antes fizera. Ouvindo isto o Condestavel, pegou de uma lança despedio-a pelos ares, e a fez ir cahir a extraordinaria distancia, accrescentando: *Se a minha Patria carecer de mim, ainda metterei essa lança não só em Castella, mas em Africa.* D'ahi dizem, nasceu o dicto popular de — *Metter uma lança em Africa.*

NOTICIARIO

SAHIDA — No dia 24 do mez passado sahiu o ex.^{mo} sr. governador civil d'esta cidade para Arganil.

CHEGADA — Regressou a esta cidade o actor Simões, a fim de tomar parte no drama a *Probidade* que vae subir á scena no theatro academico no dia 7 do corrente mez.

MASCARAS — As que têm percorrido as ruas d'esta cidade não vale a pena mencionarem-se, porque, não têm illusão nem gosto; se hoje e os dois dias que se seguem não apparecerem melhores, não ha nada mais ridiculo.

TYPHOS EM CANTANHEDE — Tem continuado a adoecer gente. A semana passada esteve melhor, porém na corrente agravou-se mais. Deus lhes acuda, porque se continúa, esgotam-se os meios, e a commissão não póde continuar por falta do auxilio, que de Coimbra lhe devia ter sido dado ha muito. Chamámos a attenção das auctoridades d'esta cidade, e com especialidade o sr. delegado de saude d'este districto, para o resultado de uma revista que teve lugar naquella terra, pelos srs. administrador do concelho e presidente da camara. Encontraram focos capazes de produzir miasmas para matar todos os habitantes de Portugal!!

Á vista d'isto é necessario, sem perda de tempo, todo o auxilio d'esta cidade. Esperámos que as auctoridades dêem as providencias.

IRMÃS DA CARIDADE — Segundo diz o *Escoliaeste Medico*, que o hospital dos terceiros de S. Francisco, do Porto, não foi o unico que dispensou o serviço das irmans da caridade no fim do anno de 1861; tambem o hospital geral de Viana as despediu do serviço dos enfermos, a pedido das vinte e um medicos que têm clinicas naquella grande estabelecimento, sendo logo substituidas por enfermeiras.

FLOR DO MONDEGO

JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

12 de Março

N.º 10

1862

PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha

Por trimestre..... 210
Por semestre..... 400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.

Toda a correspondencia, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha.

Annuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Com estampilha

Por trimestre..... 300
Por semestre..... 460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 11 DE MARÇO

O AMOR, A AMIZADE, E A GLORIA

O amor é o unico sentimento que nos assegura o exercicio e o gozo de todas as faculdades.

O amor produz uma successão continua de impressões mais vivas e puras, do que a coroação de Voltaire, ou os triumphos de Alexandre.

Se quizerdes apreciar a gloria, é preciso que vejamos aquelle que amámos honrado pelo seu brilho.

MADAME DE STAEL

Na instabilidade está a essencia da vida moral.

O homem vive do tumultuar continuo de sensações oppostas: vive do bem e do mal; da alegria e da tristeza.

No estado de soffrimento, quando elle chora lagrimas de fogo, ha um balsamo mysterioso para alliviar-lhe a ardencia do pranto, para minorar-lhe os tormentos e a dor: é o recostar a fronte entristecida ao peito d'um outro homem; é contar-lhe as suas penas; ouvir-lhe depois as palavras de consolação.

Assim também no estado de prazer, o homem não póde concentrar em si mesmo as sensações de gozo; lançar no mais fundo da alma a consciencia d'essas sensações, e guardal-a ahi com um segredo, cujo roubo temesse! o egoismo tirar-lhes-ia a maior parte da doçura. O homem precisa revelar a outro homem os seus prazeres, e com essa revelação augmenta-se-lhe o gozo: é uma das necessidades do seu coração, que mostra bem a sua dependencia de vida com os individuos da sua especie. Sentir aquillo que um outro sente: gozar quando elle goza; soffrer quando elle soffre, são estas as funcções da amizade, sentimento por

excellencia, soberania exclusiva das aspirações íntimas e puras do coração. A amizade é o que no amor se chama sentimento: é o enlace moral, separado da atracção physica dos sexos.

Acima disse, e repito ainda, que o amor offerece prazeres mais intensos, do que os que provém da amizade. O homem 'nessa epocha feliz da vida em que vive do amor, ligado á mulher que o encantou pela mais ardente das afeições da terra, não sente, por certo, a falta d'essá outra afeição menos viva, que o prende a outro individuo da sua especie, pela necessidade que tem de communicar os seus pensamentos, ou sejam alegres ou tristes, ou sejam prazeres ou penas: não os sente; porque o coração da mulher abre-se-lhe tão puro e largo, que depois de conter, por assim dizer, todas as aspirações do coração do homem, ainda lhe sobeja espaço.

Ao lado da amante, recolhendo nas asas d'um sorriso a confissão do seu amor; sentindo o seu hálito perfumado acariciar-lhe as faces, e acordar-lhe na passagem os sentidos e os desejos; gosando por todas as faculdades; com o extasi na alma, a embriaguez no corpo; levado em turbilhão de sensações, que abrangem toda a sua natureza, o homem quasi que não tem forças para sentir as delicias d'esse gozo immenso. Por um só instante d'esse delirio, daria os melhores bens com que tenha sonhado.

O amor é a satisfação de todas as exigencias do coração. Não ha sentimento que seja capaz de mais abnegação, nenhum ha que seja mais vivo, em nenhum, por isso, o gozo é mais intenso. O amor em suas funcções abraça um circulo mais vasto que a amizade: esta dirige-se tão sómente ao coração, em quanto que aquelle dirige-se também á natureza physica. Todos os

outros sentimentos deixam um vácuo a encher no ser duplice do homem; o amor absorve-o todo. A mulher é o verdadeiro foco da existencia d'elle. é a melade da sua personalidade.

Os typos do homem e mulher tanto em sua natureza physica, como em sua natureza moral, apresentam qualidades oppostas, mas que demandam um apoio reciproco. A analyse d'estas qualidades demonstra a razão de attracção dos sexos.

(Continúa.)

COIMBRA PARA O VIAJANTE

O viajante que entrar em Coimbra pela estrada de Lisboa, goza inquestionavelmente do espectáculo mais brilhante que a natureza e a arte pôde offerecer ao homem.

Apparece-lhe de repente Coimbra, recostada elegantemente em uma collina sôbre a margem direita do Mondego, cercada por verdes e ferteis campos, e banhada no sopé pelo decantado rio.

Já dentro da cidade admira como monumentos archeologicos, em primeiro lugar, a igreja de S. Thiago; acanhada e velha existia já no tempo de Alexandre Magno. É talvez a mais antiga.

A Sé Velha, de ignota origem, mostra-se hoje ao viajante magestosa e bella como a mandou reedificar D. Affonso Henriques.

O arco d'Almedina, que se erê fundação dos mouros, e cujo nome dizem que vem do arabe significando — porta do sangue, é tambem um padrão da gloria monumental de Coimbra.

Ha na rua de Sob-ripas tambem o palacio de D. Maria Telles, irman de D. Leonor, mulher d'El-Rei D. Fernando, aonde se mostra com respeito hoje o logar em que ella falleceu. Está bem conservado e tem umas vistas magnificas.

Do famoso alcaçar aonde morreu D. Sancho I, não existe se quer uma pedra inleira! Suppõe-se que fôra onde hoje está o Observatorio da Universidade. A igreja dos Jesuitas (Sé Nova) é famosa e ampla. A veneranda filha de Affonso Henriques (Santa Cruz) carcomida e edosa, se vae conservando ainda.

Muitos conventos, transformados em bonitos predios uns, e arruinados os outros; eis Coimbra interiormente.

O palacio de Ignez de Castro, foi prêsã do Mondego: jaz sepultado em suas areias!

«Da misera e mesquinha
«Que depois de morta foi rainha.

resta só a Fonte dos Amores! melancholico retiro na margem esquerda do Mondego.

A Lapa dos Esteios, o Penedo da Saudade, o Penedo da Meditação e a Fonte do Castanheiro, e os passeios pelo rio completam o quadro.

Aqui acha o viajante ainda, o corpo de Sancta Isabel, mulher d'El-Rei D. Diniz, os ossos do nosso primeiro rei, os de D. Sancho I, os de Amador Arraes, e os d'outros muitos.

NÃO TE ESQUEÇO

OFFERECIDA

A EXM.ª SR.ª D. E. R. C. S. & Castro

Qui t'aimera jamais comme je t'aime?
Dans tes yeux seuls qui mettra son bonheur.

BERTIN

Quizera na lyra d'altivolo bardo
Sentidas endechas poder dedilhar;
Quizera estas ancias d'amor que me ralam
Nos moldes divinos do poeta vazar.

Teu nome, donzella, teu nome tão lindo,
Sempre hei de revel-o do encanto ao fulgor;
Embora teus labios me dem mentidas
Palavras d' affecto, promessas d'amor.

Debalde pretendes, debalde me pedes,
Que aos votos sinceros perjuro dê fim;
Emilia, não julgues que eu possa olvidal-os,
Como has olvidado teus votos a mim!...

Teu pranto d'outr'ora, que me ha fascinado,
Sabia fingida paixão encobrir!...
Uns olhos tão lindos, tão meigos, tão bellos...
Só tu poderias fazel-os mentir.

Ingrata! desprezas-me a rosa innocente
D'amor que em minh'alma fizeste brotar?!...
Ah! julgas que eu possa da mente riscar-te,
E a chamma vorace no peito abafar?!...

Oh! não... impossivel!... meus votos são firmes;
Jurei adorar-te com louco fervor;
Embora me veja por ti despresado,
Não pôde um desprêso matar-me este amor.

Agora não tenho ditoso um momento...
Agora é meu fado soffrer e chorar...
Amei... fui trahido!... p'ra sempre olvidado
Por essa a quem sempre jurei adorar!!!...

Coimbra, 8 de março de 1862. A. F. Leite.

AS DUVIDAS COMPLETAS

Se tens dó d'este peito que vive
De tormentos, por ti, de afflicção,
Dá-lhe um riso que a vida lhe anime,
Dá-lhe esp'rança no teu coração!

Evidente se torna a teus olhos
Quanto soffro... se é que olhas alguém...
Se teu rosto que os anjos invejam,
Não me exprime desprezo e desdem,
Mas não queiras, donzella, não queiras
Dar-me esp'ranças fingidas assim...
Que não posso viver nesta vida
D'agonias e dores sem fim. E. S.

VARIEDADES

Aucto de Fé dos livros prohibidos pelo Papa

Pedro Manuel na sua obra sobre Policia de Paris descreve, pela maneira seguinte, as cerimoniaes que no seu tempo, isto é, no principio da revolução Franceza, se practicavam na queima dos livros condemnados pela sancta sé.

« Levanta-se numa praça pública um espaço cadafalso, e a trinta passos accende-se uma fogueira. Sobem os cardeaes ao cadafalso; apresentam o livro proscripto, atado e carregado de grilhõesinhos de ferro, ao cardeal-deão; este o dá ao inquisidor-mór que o entrega ao escrivão, passa-o ao preboste, o preboste ao meirinho, o meirinho a um archeiro, e o archeiro ao carrasco, que o ergue ao ar, vóltando-se com gravidade para os pontos cardeaes, e depois o delinquente, rasga-lhe folha por folha, molha cada pedaço em pez a ferver, e por fim lança tudo na fogueira, e o povo, a este signal clama anathema aos philosophos.»

Este meio peremptório de refutar quaesquer opiniões, era, segundo um auctor anónimo, o mais azado para dar muitas vezes fama a um mau livro, e reputação a um tólo.

Observações Curiosas

Moysés foi pastor; Noé, labrador; Confucio, carpinteiro; O propheta Mafoma, arrieiro; Maehomet-Ali, barbeiro; o actual imperador de Marrocos, cambista; o último rei da Suecia, Bernardote, sargento; sua mulher lavadeira em Paris; Napoleão tenente d'artelharía; Franklin, caixeiro; Cromwel, negociante de pannos; o presidente Polk, estalajadeiro; o rei do Hayti, Christovam, era escravo. Bolivar vendia drogas; o general Paez, era vaqueiro; Vasco da Gama e Colombo, marinheiros; Astor, o homem mais rico do Novo-Mundo, vendia maçãs por nova Yorck; Luiz Philippe, foi mestre de francez na Suecia, em Boston, e em Havãna; a imperatriz da Russia Catharina, foi vivandeira, e em Portugal e Hespanha, varios Duques, Marquezes, Condes, Viscondes e Barões, foram cosinheiros, alfaiates, barbeiros, e çapateiros remendões.

Um barbeiro conheço eu, que ainda espera ser ministro de Estado.

NOTICIARIO

THEATRO ACADEMICO — Subiu á scena neste theatro no dia 8 — *A Probidade*. Houve grande enchente, e á entrada das damas tocou a philarmonica Boa-União, assim como tambem acompanhou no fim o actor Simões até ao seu aposento, tocando o hymno academico.

BIBLIOTHECA SELECTA — Continúa, com este titulo, o sr. Julio Baptista a publicar uma collecção dos melhores e mais bem escolhidos romances. Sentimos que as pequenas dimensões do nosso jornal nos não dê logar a que possamos transcrever o seu prospecto, e recommendar extensamente ao público os seus escriptos como de coração desejavamos; porém a melhor recommendação que podemos fazer das obras de tão bello escriptor está no acolhimento com que o público recebeu o *Monge Negro*.

O segundo romance da sua *Bibliotheca* vaee entrar brevemente no prelo, e intitula-se *Tempestades da Vida*. A circumstancia de ser escripto pelo auctor do *Monge Negro*, e ao esmero e incansavel zêlo, que o editor emprega nas suas traducções, promette-lhe equal acceitação, se não maior do que teve a primeira.

REVISTA DE BRAGA — Recebemos o n.º 1 e 2 d'este interessante semanario, que se começou ha pouco a publicar em Braga; agradecemos ao novo collega a remessa do seu jornal, e desejamos-lhe longa e prospera vida.

EXPEDIENTE — Não publicámos hoje a continuação do artigo — *Educação Popular* — pela accumulção de muitos outros que temos em nosso poder, e queremos satisfazer aos desejos de todos, o que faremos para o seguinte número.

Rogámos aos srs. assignantes a quem lhe não tenha sido entregue algum n.º d'este jornal desde o 2.º até ao presente, o queira participar a esta redacção para lhe serem entregues.

IRMANS DA CARIDADE EM GUIMARÃES — Diz o *Diario do Povo*, que a Mesa da Ordem Terceira de S. Francisco de Guimarães resolveu admittir as irmans de caridade francezas, despedindo as enfermeiras portuguezas.

CONCURSOS — Vão ter logar para o provimento de tres substituições extraordinarias na faculdade de direito 'nesta universidade. Diz-se que fica fóra do concurso uma outra cadeira, porque o sr. dr. Antonio Ayres de Gouveia ainda não tomou posse de substituto ordinario, a que já foi promovido. Constanos que os interessados a que a outra cadeira seja desde já posta a concurso, têm diligenciado que o sr. dr. Ayres satisfaça aquella formalidade, tendo sido infructiferos os seus esforços.

O ASSASSINO DAS CRIADAS DE SERVIR — A esta hora já deve ter sido guilhotinado em França Dumollard, notavel assassino, que a pretexto de procurar casa para as criadas de servir, que sempre as procurava novas, acompanhava-as para as casas que lhe indicava, e no caminho assassinava-as, e depois de commetter toda a casta de brutalidades, roubava-as. Fez do bosque de Bouillones um cemiterio!!!

CORREIO — Foi já decidido que houvesse correio diario em todas as cabeças da comarca do reino. Não podem, porém, estabelecer-se desde já as carreiras, porque não findaram ainda os contractos com os actuaes arrematantes, e elles não quiseram transigir.

CAMARA D'ARGANIL — A eleição da camara municipal d'Arganil foi annullada pelo conselho de districto, na sua sessão de 6 do corrente.

DESPACHO — Por decreto de 18 de fevereiro último foi nomeado vogal supplente do supremo conselho de justiça militar, o sr. Jeronymo da Silva Maldonado de Eça, brigadeiro do exército e governador civil interino de Lisboa.

TENTAÇÃO — Na noite de 10 do corrente ás 8 horas, junto á Sé Velha, Abel Pinponaço apunhalou a Miguel Craveiro, alfaiate.

O criminoso evadiu-se, e as auctoridades empregam as devidas providencias para que seja breve a sua captura.

Adivinhação

Eu vi' num sepulchro estar,
Mais de vinte corpos mortos
E a todos ouvi gritar:
Parei para os escutar
Porque ouvi vozes sentidas;
Metteram-me compaixão!
De quando em quando paravam
Por que padecer mostravam,
Faltas de respiração.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANALYSE DOS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES

Dividida por seus cantos, com observações criticas sobre cada um d'elles, por Jeronymo Soares Barbosa, obra posthuma: edição dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V. — Preço 400 réis.

Vende-se na loja da imprensa da Universidade, e em todas as principaes livrarias.

NOVA TABUADA

EXACTA E CURIOSA

COM O NOVO

SYSTEMA METRICO-DECIMAL

DE PESOS E MEDIDAS

TABELLAS DE REDUCCÃO

EXERCICIOS E PROBLEMAS PARA INTELLIGENCIA DO MESMO SYSTEMA

POR

J. S. Bandeira

Approvada pelo Conselho Geral de Instrução Pública.

3.ª EDIÇÃO

CORRECTA E REFORMADA

Vende-se na loja de livros da Imprensa da Universidade. Preço 50 réis.

LEI DO SELLO

Vende-se na loja da Imprensa da Univerdade. Preço 40 réis.

FLOR DO MONDEGO



JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO



27 de Março

PREÇO DA ASSIGNATURA		Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade. Toda a correspondencia, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha. Anuncios, a 20 réis por linha.	PREÇO DA ASSIGNATURA	
Sem estampilha			Com estampilha	
Por trimestre.....	240	Por trimestre.....	300	
Por semestre.....	400	Por semestre.....	460	

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 26 DE MARÇO

O AMOR, A AMIZADE, E A GLORIA

II

Repara-se para o typo material do homem:

A estatura é mais elevada: o andar mais pesado e firme; as fôrmas mais vigorosas destacam-se uma das outras; o seu olhar fita-se activo e seguro; as linhas da sua fronte, mais distinctas e largas, denotam a fôrça e vastidão das concepções do espirito; o sorriso desprende-se-lhe dos labios mais aberto e rude; o pranto rebenta-lhe dos olhos mais ardente e raro, porque a alma parece ter pejo de revelar a dor que a rala, esforça-se em emmudecel-a e recalca-a para o mais fundo do seu seio: em fim, o ser physico do homem exprime o poder e a fôrça, e estas qualidades materiaes harmonisam-se com as intimas.

A coragem, a constancia, a profundeza do meditar, o vigor da imaginação, a extensão e energia das aspirações tudo se reflecte e se imprime no rosto grave e severo do homem.

Analyse-se a mulher.

As linhas do corpo são mais ligeiras, mais unidas, mais delicadas; o aspecto é mais doce. Os olhos abaixam-se-lhe com timidez; a fronte é menos espaçosa; nos labios lhe desenha a meiguice um sorriso permanente: tudo, em fim, é menos carregado; tudo é mais suave.

A mulher é o typo da fraqueza; o homem o typo da fôrça: estes dois contrarios altram-se, ligam-se e formam um todo harmonico e maravilhoso. Dá-se na mulher aquillo que exige a natureza do homem para se tornar completa e perfeita, assim como o ser do homem comprehende

as qualidades para se prefazer a natureza da mulher.

É, pois, a união que resulta d'aqui a mais intima e estreita das que o homem pôde contrair na terra; porque é a fusão de duas partes dispersas, necessaria para se tornar perfeita uma existencia humana.

Mas os gôzos do amor, com quanto mais ardentes, serão acaso menos puros que os da amizade, em que tudo é sentimento? O instincto não manchará e pureza das aspirações do coração?

Tudo o que é natural é puro.

Sabeis o que é considerar o amor como simples sentimento, e desprezar a tendencia instinctiva, ou material? É mutilar uma criação harmonica. É a censura ridicula e pedantesca do homem feita a uma obra Divina. É desprezar a segunda parte do livro vivo e sublime que Deus chamou — homem: é rasgar-lhe a metade das folhas, e deixal-o truncado, como um facto digno da alta sabedoria humana!

O homem, sendo uma harmonia completa, não pôde dar um som accorde, senão quando vibram junctas todas as suas cordas. Não quebreis as mais grosseiras, porque ellas concorrem para a belleza do todo, e as suas consonancias são agradaveis a Deus. Tomar incompleto o homem, é mudar-lhe o seu destino, é condemnar a criação, é trocar com o suicidio o caminho para o ceu.

O que é impuro e anti-natural, é abusar dos impulsos da materia, e seguil-os exclusivamente; porque d'esse modo o homem calca aos pés a sua dignidade, materalisando todo o seu ser de homem, quando elle deve reconhecer em si duas existencias.

O homem assim desce do seu throno, e vae collocar-se a par dos seres que existem ao fundo,

no ultimo degrau do reino animal: nada o leva acima d'elles, porque está reduzido unicamente ao gôzo de impressões materiaes.

Não queira o homem fazer-se de todo um anjo; porque é um crime de lesa-Divindade; porém é uma rebellião contra as leis do Creador.

(Continúa.)

EDUCAÇÃO POPULAR

Dois são os principios em que se funda a educação — a moral e a instrucção. Ella é para assim dizer, uma nova creação, e por isso suppõe principios mais elevados, ideias mais extensas, regras methodicas para illustrar a razão, adornar o intendmento, formar o coração, e d'esta fórma suavisar os costumes.

É por meio da instrucção que a educação junta os homens e os eleva á sua perfeição moral. D'este modo, parece-nos, podêmos, sem receio de sermos desmentidos, asseverar que não ha cousa que mais ligada esteja aos destinos d'uma nação do que uma educação popular, isto é, dada ao povo. Mas quem lh'a ha de dar? homens religiosos; pois a educação para ser feliz deve ser religiosa: porque eu posso, é verdade, conceber que fôsse possível uma sociedade sem religião, e governada só pela philosophia, mas pegando na historia não é possível convencer-me de tal ideia; e de mais a mais acho-a tão extravagante, que não duvidámos affirmar nervosamente e com toda a convicção, que philosophia sem religião é uma calamidade para a sociedade. Falta-se tanto em instrucção, e nada de educação; e isto talvez provenha da falta de comprehender que no meio dos conhecimentos os mais extensos e variados e a par d'um intendmento cultivado pôde o coração ficar com toda a sua fraqueza, se não se fortifica a vontade, e se se não previne a mocidade contra os ataques do vicio. Mas onde existe a principal força capaz de produzir tal resultado, capaz de calar fortemente no coração do homem? ninguem se atreverá a negar que existe na religião. Mas não basta ensinar os principios d'esta de uma maneira vaga e superficial, é necessario fazer amal-a e practical-a; e quem o poderá fazer? só aquelle que estiver bem penetrado, sem dúvida, dos sagrados principios d'ella; é por isso que não duvidámos que a educação do povo, devendo ser religiosa, devia ser confiada a homens religiosos, isto é, aos ministros da nossa sancta religião, e não aos da sociedade do raio!!!

M.***

COISAS E LOISAS CÁ DA TERRA

(Chronica Coimbrã)

A epocha, digam o que disserem, não é das menos auspiciosas para a litteratura amena, e até para o incentivo jornalístico.

Coimbra é toda vida e animação litteraria, e os prelos gemem e brotam folhas avulsas com todo o genero de producção, e com uma variedade indissolvel de linguagem, que, ora pura, amena e suave; ora gongorica, rude e obsoleta, faz-nos remontar, eu sei lá... a essa idade em que um celebre Nana, que era tartaramudo, articulava phrase meticulosa, com receio que o ar lhe impregnasse o fino esmalte de seus alveos dentes. Deixemos porém em doce paz o heroe, que, se no seu tempo procurava resguardar-se para conservar incolume um ornamento physico; não era, ao menos, como os modernos tartufos, que imbuidos pelo bem da patria, deixam ir agua baixa o que não podem colher com mão segura, e nem cuidam do physico, nem pensam no moral.

Mas, *le monde marche*, dizemos nós, ainda que sem prévia permissão do sr. Pelletan, que, segundo disse um moço sympathico, «traduzia a bemaventurança terreal num prato de batatas comido de baixo de um tecto de colmo.»

Prosigámos, porém, no escôpo a que nos propozemos, e deixemo-nos de variantes, porque não queremos escapulirmo-nos pela tangente: o que é, é, e sempre o foi e ha de ser:

Principiaremos por casa, e não nos faltará que censurar. A nossa *Flor* não vive, vegeta; apanha aqui um artiguinho, sollicita alli uma variedade, pede acolá uma diversa, e assim vae seu caminho; se não cae, trepida; se não banqueira, estremece. E isto, quando surge a risonha primavera; quando tudo são gallas, perfume, e poesia! Ah!... poesia... sim poesia... mas... poesia já o nosso jornalinho a não tem... porque ella canta-se agora, por um estro inspirado, juncto dos melodiosos sons do instrumento divinal do propheta David — na *Harpa*.

A proposito, porém, não julguem, estimaveis leitores, que a palavra *Harpa*, sublinhada como está, quer dizer instrumento; não senhores: na praxe e fóro jornalístico quer dizer o nome de uma publicação a vulsa e periodica.

Ah!... sim, dirão certamente, nossas amaveis e sempre mui respeitadas leitoras, então a *Harpa* é um jornalinho que publica poesias, que a *Flor* não tem, não é assim? E nós responder-lhe-hemos: sim, minhas senhoras, é exactamente o que vossas excellencias dizem, e ainda mais do que isso: é uma *Flor* sem poesia, havendo poesia na flor!... Se

Harpa e poesia se coadunam perfeitamente; *Flor* e poesia são congêneres: mas porque não terá uma poesia a nossa *Flor*, d'essa mimosa flor do Mondego??!

Os fundos jornalísticos estiveram na semana finda para sofrer considerável baixa. O *Portugal Independente*, jornal anti-iberico, exhalou o ultimo brado aos 24 numeros, e quando rajados castelhanas impelliam da côrte de S. Ildefonso influxos iberistas. Foi um denodado campeão nas letras, e cavalheiro ousado nas tretas. Mais voluvel que a grimpá do zimbório da sé nova, o *Independente* mettu o bico na questão da camara, farejou a iberica, mas foram-lhe adversarios os galernos; e servindo de frasco aos forçados leitores, ameaçava-os constantemente se se não esportulassem! Era uma especie de flagello, mas flagello importuno, se importuno não é toda a sorte de flagello. A idade do supradicto não deixa de ser memoravel: se morre aos 72 numeros ficava tendo nos annaes dos tatambas uma especie de nota, que é a que se destina aos velhos rabugentos, que, quando novos, nada produziram. Como porém morreu aos 24, idade toda de força e de vigor, levantar-se-lhe-ha uma lapide na mais recondita sala da filha d'Ataces com o seguinte epitaphio:

CIDASUNDA AGRADECIDA
AO PORTUGAL INDEPENDENTE
QUE MORREU POR FALTA DE COBRES.

O *Independente*, porém, qual phenix milagrosa resurgirá ainda: vae habilitar-se para ser politico já que foi demasiadamente impolitico. Diz-se que seus novos redactores serão não só de fina tempera, mas de character rigido e independente. O arrôjo da phrase tem certo arrego e corresponde, não ha duvida, a meia filauca, meia estulticia d'um arrebecado pretencioso. *Parce sepultis*.

Como dissemos, pois, os fundos teriam descido, se a lacuna do *Independente* não fôsse supprida pelo *Minho*, jornal, não politico, mas apologista da provincia de que toma o nome.

O primeiro artigo é do nosso amigo C. L., distincto academico, e uma das intelligencias da academia. O todo do jornal não se faz sobresair pela linguagem propria de jornalistas experimentados, nem revela o sinete d'uma dicção amestrada nas polemicas e pugnas caprichosas, em que a maior parte das vezes a grammatica esbulha a força do raciocinio, e a razão, esboçando-se altaneira deixa ficar perplexo o mais consciencioso ginja, que só faz obra pelos dictames psychologicos de sua consciencia immaculada.

O *Minho*, pelas pennas que o collaboram ha de

tornar-se distincto, distinctissimo: porém na actualidade só o caracteriza uma elocução, por assim dizer, toda a academica. Respira é verdade o perfume d'uma litteratura aprimorada; mas rente-se da indubitavel transição que se experimenta, quando se passa d'um frequente genero de leitura, para um campo todo novo como é o da linguagem escripta.

A sua revista estrangeira não está mal desenvolvida: respira liberdade, odio á escravidão, e anheia pela realisação do triologia politica e social — liberdade, egualdade e fraternidade.

Que distancia não ha porém entre as bellezas d'uma theoria seductora e a pertinacia d'uma prática revoltante e obnoxia?

Não desanimar illustre *Minho*, — *marchez, marchez* — mas olhe que emittir opinião em politica, principalmente na actualidade, que é todo de tar-racha, é uma futilidade; porque infelizmente a força do direito, que só se toma num — QUERO sem remissão — predominará por longos annos. Todavia, quando chegar a hora da redempção social, serão felizes os povos de então; ai porém de nós, que já não poderemos exclamar — «vamos, filhos da patria, que o dia de gloria chegou.»

A revista dos dois mundos é titulo mui pomposo... vaidade e prosapia... não o cremos nós: ao ler-se o summario que dicto fica, o leitor pensa ser levado do pólo arctico ao antarectico; receber noticias dos cyclopes e cumprimentos dos antipodas, e a final de contás quem paga as favas é o Mexico, o presidente Juarez, o commodoro inglez Damlops, passando logo a ser interinamente fusilado o mestre Jacintho, só por ter a dita de ser actor do theatro de D. Luiz I. Pobre Jacintho... em que entalás te metteram...

Não obstante o illustre auctor da revista dos dois mundos, revela espirito atilado; mas quer parecer-nos que está summamente fatigado, e que precisa de sueto, para revoltar cheio de graça e sem facecia, e com veia fecunda e chiste animador.

Callado, diz elle, deixou a perder de vista todos os jacinthos possíveis e imagináveis!

Foi sem dúvida o amor de classe que exacerbou o sentimento ao illustre revisteiro, e nós respeitámos os motivos.

Que o amor é cego e não sabe o que faz, comprehendese; porém que callado (desculpe-se-nos a asperesa da cacaphonia) se faça perder de vista todos os jacinthos possíveis e imagináveis, não admitimos.

Pois não é quando estamos a sós e callados, que a mente nos suggere cousas lindas e apreciáveis, e que a phantasia nos pinta o que pôde, sim, estar longe

de se realizar, mas que é *possivel e imaginavel*, porque nasceu da possibilidade da imaginação?

Aqui houve sancadilho não ha dúvida; má fé não: em peitos nobres não ha ruins paixões.

E se assim é a *Flor* não póde, pelo amor da classe, deixar de participar da affronta immerecida feita a jacintho, flor mimosa e casta, e que symbolisa — a *dôr*, que nasce da alma; o *sentimento*, que dimana do coração; e o *pesar*, que revela a consciencia:

Longa, como vae, a chronica coimbrã; aqui porremos ponto. E sem mais replica nem treplica pedimos ao *Minho* a troca com a nossa *Flor*, e aos nossos assignantes a graça de nos auxiliarem com o que roda com graça, que faz graça e dá graça, sem o que morrerá a *Flor*, que se com ella nada se lucra, tambem com ella nada se perde. — Quem se conhece não merece castigo. — Disse.

VARIEDADES

É em vão que se pertende designar a epocha precisa, em que os homens começaram a manufacturar com os metaes, e instrumentos cortantes.

Ainda que o ferro foi conhecido muito antes do diluvio, ha toda a razão em acreditar que se perdeu nesses tempos o segredo de o extrahir dos mineraes.

Tubalcão, que viveu perto de 4:000 annos antes da era christã, manufacturava o ferro e o cobre perfeitamente; e segundo nos diz o Genesis — Abrahão tomou uma faca para com ella matar seu filho Isaac. — O presidente Goguet assegura-nos que as gerações de então, empregavam no uso domestico, pedras, ossos de varios animaes, conchas de peixe, espinhos, etc.

Herodoto, descrevendo as cerimoniaes dos casamentos arabes, diz: nesta occasião um parente dos esposados se collocava entre os dois, e com uma pedra aguda abria uma veia da mão de cada um dos contrahentes; e tomando depois uma peça dos seus vestuarios a molhava no sangue.

Os Egyptios serviam-se de uma pedra da Ethiopia para abrir os corpos dos mortos, antes de os embalsamarem; e o Exodo nos diz, que a circum-sisão se fazia com o mesmo objecto.

Em parte nenhuma encontramos noticias, ou indicios ao menos, de que Moysés empregasse o ferro na formação do Tabernaculo, nem que Solomão fizesse uso d'elle na construcção do templo de Jerusalem.

E todavia elle já existia muito antes, segundo nos diz o Deuteronomio, quando falla nas maxadilhas de ferro com que se cortavam as arvores.

O espirito ousado do homem perde-se sempre, se quer ler o passado, nas formidaveis dobras do manto dos seculos!

NOTICIARIO

AOS NOSSOS ASSIGNANTES — Em virtude d'um dos redactores d'este jornal estar ha 15 dias doente, é o motivo por que não sahio a nossa *Flor* a semana passada; o que pedimos desculpa na certeza que d'ora ávante sahirá regularmente.

FURACÃO — No dia 9, pelas 8 horas da manhã, teve logar nos montes de Pereira, concelho de Montemor-o-velho, um terrivel furacão, depois de tres grandes trovões: percorreu quasi a distancia de um quarto de legua, arrancando oliveiras, fortes carvalheiros, quebrando outros, destelhando casas e levando uma barraca de pau em que estava uma pequena, guardando os passaros de uma ceára de linho: levantou e levou a barraca a tanta altura e distancia que passando com ella por cima de uma silveira, a pequena cahiu e ficou pendurada na mesma silveira d'onde foi tirada, parece que ficou tolhida; um homem que ia para fechar a porta de uma casa, tambem foi arrastado pelo furacão. Não sabemos se ha mais alguma desgraça a lamentar.

ADMINISTRADOR DO CONCELHO — Em virtude do despacho do administrador proprietario d'este concelho, acha-se em exercicio o substituto o sr. dr. Antonio Teixeira Felix da Costa. Diz-se ser elle o indigitado para o logar de proprietario.

GUILHOTINA — Dumollard, o grande assassino das criadas de servir, que no espaço de oito annos commetteu tão longa serie de crimes, acaba de ser guillotinado na manhan do dia 8 do corrente em Lyão. Innumeravel multidão assistiu ao seu supplicio. O reu caminhou para o patibulo com a mesma impassibilidade que conservou durante o julgamento e prisão; e não fez mais revelação alguma. Ficou-se portanto ignorando ainda parte dos horrores d'aquella existencia hedionda.

DECLARAÇÃO — Por falta de espaço não publicamos neste numero uma poesia que temos em nosso poder da ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Conceição Soares, o que promettemos fazer no immediato numero.

Explicação do Enygma do numero antecedente. — *Orgão*.

FLOR DO MONDEGO

JORNAL RECREATIVO E NOTICIOSO

6 de Abril

N.º 12

1862

PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha

Por trimestre..... 240
Por semestre..... 400

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.

Toda a correspondencia, tanto de redacção, como de administração, será dirigida franca de porte, a Annibal Augusto Pereira, rua dos Militares, n.º 14, sendo publicada a 10 réis por linha.
Anuncios, a 20 réis por linha.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Com estampilha

Por trimestre..... 300
Por semestre..... 460

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

COIMBRA, 5 DE ABRIL

O AMOR, A AMIZADE, E A GLORIA

III

Se elle, porém, fôr levado á satisfação razoavel das exigencias da sua natureza physica, se essas exigencias não fizerem calar a voz do coração e da razão, o vinculo é tão puro como o pensamento de Deus escripto com letras indeleveis em todo o nosso ser, e revelado pelas nossas tendencias.

A natureza moral deve sempre dominar, porque o pede a elevação do homem; mas lutar com o instincto e querer anniquilal-o, é de um orgulho irrisorio e insensato. Neste combate o espirito cansa-se, e não vence; porque se vencesse, seria a victoria do homem sôbre a natureza; o triumpho da vontade humana sôbre a vontade Divina.

Rejeitar a attracção physica, é rejeitar as afeições de paes; é rejeitar os laços de familia; é matar a reproducção e a conservação da primeira especie da criação; é esquivar-se, emfim, á missão sublime de transmittir a outro a existencia, o pensamento, a natureza do homem. Isto não engrandece: o merito que poderia ficar, era o que resultava da prátca d'um facto lamentavel — a desorganisação estúpida da mais bella das harmonias creadas. «O homem por sua natureza toca na terra e no ceu. O homem completo abrange a existencia duplice do espaço e do infinito, do tempo e da eternidade.»

Da terra, onde Deus o collocou, não queira o homem escalar o ceu; porque esta empreza orgulhosa e temeraria traz após de si a morte.

O homem é um composto de espirito e de ma-

teria: estas duas naturezas com suas funcções diversas, harmonisam-se mutuamente para o conseguimento de um fim. A existencia do homem consiste tanto em seguir as puras aspirações do sentimento como os impulsos materiaes regulados e dirigidos pela alma: essa é a verdadeira expressão da vontade divina, e nada ha tão puro como as leis de Deus.

O amor em suas duas phases — como sentimento exprimindo a dignidade do homem, determinando o modo por que se assimelha aos anjos; — como instincto exprimindo a conservação da especie, resumindo a humanidade, é uma revelação das ideias de Deus, é uma lei concedida no ceu.

Já esbocei o caracter principal da gloria. Os gôzos que promete esta paixão que se reduzem quasi á satisfação do orgulho, devem por isso deleitar muito menos o coração, do que aquelles que gera a amizade. O amor avulta mais na avaliação do sentimento, do que a amizade, porque se reforça com as sensações materiaes; o amor, pois, eleva-se muito acima da gloria.

A gloria alimenta-se da admiração dos outros homens, e quasi que só goza por essa admiração. Mas, assentada no throno, carregada de louros, o respeito a rastejar-lhe aos pés, como é breve e custoso o seu reinado! Deus, que ella tambem quizera avassalar, porque ridicula de orgulho é insaciavel de grandeza, Deus veio deslisar-lhe no pensamento como um insulto, como um escarneo á sua pequenez de verme!

Se o homem deseja admiração e respeito, nada mais humilde do que um coração de mulher. No amor, ha uma homenagem constante prestada a um rei, homenagem pura e sincera que sae do coração: na gloria, ha sômente um tributo passa-

geiro de attenção, em que o espirito por um pouco se emprega; mas que logo é absorvido e perdido 'nesse mar de distracções que a vida offerece. O amor fixo e ardente abstrae de tudo; sempre submisso, sempre escravo não desaprega a vista do alvo a que se dirige. A gloria dá-se apenas um olhar momentaneo, vago, fugitivo, que váe fitar-se em pouco n'outro ponto opposto, e longinquo.

Perguntae ao homem que no meio dos combates realçou entre os seus companheiros de armas por mil façanhas brilhantes: perguntae ao heroe a quem a fama corôa de uma aureola de gloria, quando o levam em triumpho, no meio do enthusiasmo e do delirio, se a esperança de ir lançar aos pés da amante, que o espera, os louros que ganhou, se a esperança de receber um sorriso em paga dos seus esforços, não lhe faz sentir um prazer mais intenso, do que as honras e vivas freneticos que o cercam e alordôam; perguntae-lh'o; e responder-vos-ha, de certo, que uma só das sensações que provêm de amor, um momento só juncto á mulher que ama, o altráe e embriaga mais, do que uma vida de triumphos.

A gloria offerta-se como dadiva humilde ao amor; roja-se-lhe aos pés, e supplica.

Que eram os torneios?

Eram luctas famosas em que a vida se arriscava para merecer-se um sorriso de amor. Eram luctas de heroes em que os campeões decidiam á ponta da lança, e á custa do seu sangue, a prioridade de belleza de suas amantes, a maior profundeza, e o maior respeito do seu amor.

Que eram as cruzadas?

Eram o arrôjo de milhares de nobres e valentes cavalleiros, que iam grangear a gloria por seus feitos gigantes. Eram batalhas em que aquelles, que poupava a lança do sarraceno, voltavam com a gloria á patria para offerecel-o á dama; em que o ultimo pensamento dos que morriam morte de heroes, traidor á religião, ia ao longe pedir uma lágrima áquellas por quem se fôram crear renome.

Que foi, emfim, a idade média?

Foi a epocha dos torneios e das cruzadas; foi a epocha da escravidão da gloria, e do imperio do amor: foi a epocha em que os homens eram heroes, e as mulheres — deusas.

O amor não curva a fronte sob o prestigio da gloria. A mulher não ama o homem, porque a fama lhe apregôa o nome; mas porque uma

atracção, um sentimento indefinido, a leva a elle. Que importam os louros da gloria para a existencia do amor? Não é, por certo, do seu reflexo brilhante, que pôde depender ou nascer esta paixão.

O amor é uma affeição independente, distincta de todas as outras, mais elevada que ellas, cujo attributo essencial é ir buscar a vida a um sexo differente, mas que se dirige instinctiva, sem escôlha levada por um poder inexplicavel.

A gloria, pois, cae diante do amor. As sensações que ella produz, não podem comparar-se com os prazeres ineffaveis, que d'este provêm. O respeito e a admiração que se tributam á gloria, por mais vivos que sejam, ficam bem longe do culto prestado pelo amor.

Pasmâmos ao apparecimento d'uma invenção maravilhosa; mas pouco depois pelo hábito de a vêmos tornar-se-nos indifferente. Olhâmos para a producção gloriosa d'um genio, e deixâmol-a passar desapercibida e como trivial, sem revelar grandeza, e porventura sem sabermos nem nos importar o nome do seu auctor!

Admirâmos e respeitâmos o heroe: o esplendor das suas victorias offusca-nos e electriza-nos; mas é esta impressão uma impressão de momento, um tributo bem escasso, e desproporcionado ás acções grandiosas que practicou. A.

Coimbra foi em outro tempo defendida por fortissimas muralhas, das quaes hoje seria difficil encontrar signaes, porque sôbre ellas se tem construido bem bonitos predios: tinha sete portas, que eram a da *Portagem, Estrella, Castello, Collegio Novo, Sancta Sophia, e Almedina.*

A respeito d'esta palavra a que demos a significação de *porta de sangue*, dizemos para adiantar mais a Bernardo de Brito, que Almedina pôde significar melhor *cidade* do que *porta de sangue*.

Tinha Coimbra trinta conventos incluindo os de extramuros: e até 1720 teve sessenta e tres Bispos sagrados. É patria de muitos varões insignes, entre os quaes apontaremos, El-rei D. Affonso IV, Ayres Pinhel, Diogo de Paiva d'Andrade, Francisco de Sá de Miranda, Fr. Francisco de Sancto Agostinho de Macedo, D. João Peculiar, Fr. Leão de S. Thomaz, D. Pedro I, Pedro de Mariz, e Ruy Lopes da Veiga.

Sôbre Coimbra pôde consultar-se o padre A. de Carvalho — *Chorographia Portugueza* — Pe-

dro de Mariz — *Dialogos de Varia Historia* —
Bernardo de Brito Botelho — *Historia Breve de
Coimbra* — Antonio Coelho Gasco — *Conquista,
antiquidades etc. de Coimbra*. Ha outros ainda,
mas de menos vulto.

AMO-O!

Amo-te muito! muito!
Reluz-me o paraiso:
'Num teu fugaz sorriso,
'Num teu olhar fortuito.

JOÃO DE DEUS.

Vivia outr'ora no mundo
Sem crenças votar a alguém:
Meu peito, — peito de virgem,
Tudo encarava em desdem.

Um dia oh! dia formoso . . .
Vi um rosto de magia:
Os seus traçados celestes
Me inspiram sympathia.

Minhas horas de socego,
Meus brinquedos juvenis,
Minha alegria passada,
Meus devaneios gentis.

Minhas crenças innocentes,
Tudo, tudo me escapou:
Martyrio, — mas doce e puro,
Oh! apenas me restou! . . .

Seria um sonho? um delirio?
Desdizia-o o coração:
Pois desd'esse instante justo
Era preso de paixão.

Fugiu-me! mas só da vista,
Da mente nunca fugiu
Esse rosto, rosto d'anjo,
Que á minha vida sorriiu.

Tornei a vel-o! que dita!
E comigo repeti
O seu nome mavioso,
E que jámais esqueci.

E amo-o! . . . porque é innocente,
Como do arroio o licor,
Quando serpeia entre as margens
Da manhã ao puro albor.

E quando o vejo; que fogo,
Que vida no viver meu!
Turbam-me os olhos, e graças
Dou ao creador do ceu.

Ai! tanto amor 'nesta vida
Ninguem o póde sentir:
Não ha poeta que o cante,
Nem pintor p'r'o colorir.

Além no ceu vês as estrellas,
Matizadas de fulgor!
Os meus olhos por esse anjo
Faiscam mais em amor!

É lei da natureza amal-o!
Oh! e sempre o amarei:
Quer na vida, quer na campa,
Sempre fiel lhe serei.

Coimbra, 31 de março de 1862. — *Maria da
Conceição Soares.*

A UM ANJO

Vi-te, donzella, um dia
Tão alva e formosa,
Qual branca rosa
No prado a vicejar;
Senti no peito ardor:
Era por certo amor,
No coração a pular.

Como a fresca rosa,
Senti-me orvalhado;
Era donzella formosa
Que me tinha olhado.

E c'os labios a sorrir
Senti-me fascinado:
Era um anjo a carpir
Dores do meu passado.

Como a violeta cheirosa
Teu halito exhalayas;
Pareceste-me mui formosa,
Parececeu que me amavas.

Qual tenra flor
Vi-te assi a brilhar
Era paixão, era amor,
No peito a fusilar.

Recorda, donzelliha
Um peito que sente;
Lembrae-o contente
Em vosso coração,
Porque a florinha gentil
Lembra vezes mil e mil!
Em minha meditação.

Coimbra, março de 1862. — A. J. Pereira.

VARIÉDADES

— Lisboa em 1540. O cardeal D. Henrique (depois rei) foi o que primeiro exerceu tão honroso cargo.

Portugal tinha tres inquisições nas cidades de Lisboa, Evora e Coimbra: as mais felizmente escaparam á paternal ternura de semelhante instituição.

A da Hespanha precedendo a nossa, era bem mais terrivel.

A colheita feita aos judeus, em 1478, teve por consequencia 4:000 mortos, e 2.000:000 perdoados: muitos foram queimados em estatua, e outros desterrados para sempre. . .

Isto que esqueça, e outra não volte.

— Mad. de Lespinasse dizia que haviam tres especies de casamento: 1.º o de Deus, 2.º o do diabo, e o 3.º da morte. O de Deus é o do homem novo com mulher nova; o do diabo é o da mulher velha com homem novo; o da morte, é o da mulher nova com homem velho. Nós accrescentamos com mais razão: o da morte é o da mulher velha com homem velho. — Não acham minhas senhoras?

— Um sujeito requestando uma rapariga muito simples e ingenua, e julgando-a por isso facil de enganar, lhe armou repetidos laços sem nada poder obter d'ella. Por fim resolveu espôsal-a, e no dia do noivado, depois de voltarem da igreja, lhe disse o marido na presença de todos os convidados: «Devo dar um testemunho público da sua virtude. Declaro que me resolvi a casar com esta senhora, por que tendo feito as maiores diligencias, achei-a sempre firme em defender a sua honra.» — Podéra não! lhe respondeu ella com toda a ingenuidade; já tres me tinham enganado, e tão tola era eu que caísse na quarta!

— O baile é um escólho, occulto pelas flores do prazer, e contra o qual se vem quebrar muitas vezes a fresca e ligeira gondola, cheia de virtudes da mocidade.

— Dizia Salomão que, aquelle homem que casava com uma mulher virtuosa, bella, rica e meiga era feliz, mas aquelle que se não casava ainda o era mais.

— Um sujeito, escrevendo uma carta a um seu amigo, na qual pôz um digo de mais, fez esta advertencia. —

«N. B. Onde digo que digo, digo que não digo.»

AGRADECIMENTOS—A redacção d'este jornal sumamente penhorada pela obsequiosa protecção dos srs. assignantes, por este meio lhes agradece; o mesmo agradecimento se faz ás illustres redacções dos jornaes pela delicadeza, que têm tido em aceitar a troca com a nossa *Flor do Mondego*.

Com este número termina o 1.º trimestre, e por isso pedimos aos srs. assignantes que se acham em débito das suas assignaturas o mandal-as satisfazer com a maior brevidade possível.

— Recêbemos e agradecemos a remessa do mappa do Asylo de Mendicidade de Coimbra, de que em seguida publicamos em resumo a receita e despesa, desde a sua fundação em setembro de 1855 até 31 de dezembro de 1861, é o seguinte:

Receita:— Donativos para fundos 205\$550 — Mensalidades dos subscriptores 1:062\$195 — Escolas pelas cadeiras 86\$215 — Multas impostas a favor do asylo 245\$341 — Donativos 966\$705 — Subscrições 2\$040 — Total 2:568\$046.

Despesa:— Utensilios, concertos e escripta 131\$264 — Vestuario e calçado 141\$780 — Comestiveis e combustiveis 1:850\$190 — Ordenado do guarda 226\$400 — Ordenado da servente 44\$680 — Gratificação ao cobrador 4\$560 — Total 2:398\$874.

Saldo a favor do asylo em poder do thesoureiro 169\$172.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANALYSE DOS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES

Dividida por seus cantos, com observações criticas sobre cada um d'elles, por Jeronymo Soares Barbosa, obra posthuma: edição dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V. — Preço 400 réis.

Vende-se na loja da imprensa da Universidade, e em todas as principaes livrarias.

LEI DO SELLO

Vende-se na loja da Imprensa da Universidade. — Preço 40 réis.